

# *A paz interior*



*Jacques Philippe*

# **A PAZ INTERIOR**

**JACQUES PHILIPPE**

Fonte: Tradução por IA (ChatGPT)  
[vozcatolica.com](http://vozcatolica.com)

## APRESENTAÇÃO

«Que a paz de Cristo reine nos vossos corações»<sup>[1]</sup>

*A experiência mostrar-vos-á  
que a paz, que a caridade infunde  
em vós o amor a Deus e ao  
próximo, é o caminho seguro  
para a vida eterna.*

(Juan de Bonilla, séc. XVI)

A nossa época é uma época de agitação e inquietação. Esta tendência, evidente na vida quotidiana dos nossos contemporâneos, manifesta-se também com grande frequência no próprio âmbito da vida cristã e espiritual: a nossa procura de Deus, da santidade e do serviço ao próximo é muitas vezes agitada e angustiada, em vez de confiante e serena, como o seria se tivéssemos a atitude das crianças que o Evangelho nos pede.

É, portanto, fundamental chegarmos a compreender um dia que o caminho para Deus e para a perfeição que nos é pedida é muito mais eficaz, mais curto e também muito mais fácil quando o homem aprende, pouco a pouco, a conservar em qualquer circunstância uma profunda paz no seu coração.

É isto que pretendemos fazer compreender através das reflexões da primeira parte. Em seguida, passaremos em revista um conjunto de situações em que frequentemente nos encontramos, procurando explicar como enfrentá-las à luz do Evangelho, de modo a conservar a paz interior.

Na tradição da Igreja, este ensinamento foi frequentemente abordado pelos autores espirituais. A terceira parte reúne uma série de textos escolhidos de autores de diversas épocas, que retomam e ilustram os diferentes temas aqui abordados.

# I. A PAZ INTERIOR

## CAMINHO DE SANTIDADE

### 1. SEM MIM NADA PODEIS FAZER

Para compreender a importância fundamental que tem, no desenvolvimento da vida cristã, o esforço por adquirir e conservar, tanto quanto possível, a paz do coração, devemos antes de mais estar plenamente convencidos de que todo o bem que podemos fazer vem de Deus, e só d'Ele. «Sem Mim nada podeis fazer», disse Jesus (Jo 15, 5). Não disse: não podeis fazer grande coisa, mas sim: «nada podeis fazer». É essencial estarmos profundamente persuadidos desta verdade. E, para que ela se enraíze em nós não apenas no plano intelectual, mas como experiência de todo o nosso ser, teremos de passar por fracassos, provas e humilhações que Deus permite. Ele poderia poupar-nos essas provas, mas elas são necessárias para nos convencerem da nossa radical incapacidade de fazer o bem por nós mesmos. Segundo o testemunho de todos os santos, é indispensável adquirirmos esta convicção. Com efeito, ela é o prelúdio necessário das grandes obras que o Senhor realizará em nós pelo poder da sua graça. Por isso, Santa Teresa de Lisieux dizia que a maior graça que o Senhor lhe tinha concedido era «ter-lhe mostrado a sua pequenez e a sua impotência».

Se tomarmos a sério as palavras do Evangelho de São João citadas mais acima, compreenderemos que o problema fundamental da nossa vida espiritual chega a ser o seguinte: como deixar Jesus actuar em mim? Como permitir que a graça de Deus opere livremente na minha vida?

É para isso que nos devemos orientar, e não principalmente para nos impormos uma série de obrigações, por boas que nos pareçam, ajudados pela nossa inteligência, segundo os nossos projectos, com as nossas aptidões, etc. Devemos sobretudo procurar descobrir as atitudes profundas do nosso coração, as condições espirituais que permitem a Deus agir em nós. Só assim poderemos dar fruto, «*um fruto que permanece*» (Jo 15, 16).

A pergunta: «Que devemos fazer para que a graça de Deus actue livremente na nossa vida?», não tem uma resposta única, uma receita geral. Para lhe responder de modo completo, seria necessário todo um tratado de vida cristã que falasse da oração (especialmente da oração mental, tão

fundamental neste sentido...), dos sacramentos, da purificação do coração, da docilidade ao Espírito Santo, etc., e de todos os meios pelos quais a graça de Deus pode penetrar mais profundamente nos nossos corações.

Nesta pequena obra não pretendemos abordar todos esses temas. Queremos apenas referir-nos a um aspecto da resposta à pergunta anterior. Escolhemos falar dele porque é de uma importância absolutamente fundamental. Além disso, na vida concreta da maior parte dos cristãos, mesmo muito generosos na sua fé, ele é demasiado pouco conhecido e tomado em consideração.

A verdade essencial que desejaríamos apresentar e desenvolver é a seguinte: para permitir que a graça de Deus actue em nós e (com a cooperação da nossa vontade, da nossa inteligência e das nossas aptidões, evidentemente) produza todas essas obras boas que Deus preparou para que caminhássemos nelas (Ef 2, 10), é da maior importância que nos esforcemos por adquirir e conservar a paz interior, a paz do nosso coração.

Para fazer compreender isto podemos utilizar uma imagem (não demasiado «forçada», como todas as comparações) que poderá esclarecê-lo. Consideremos a superfície de um lago sobre a qual brilha o sol. Se a superfície desse lago for serena e tranquila, o sol reflectir-se-á quase perfeitamente nas suas águas, e tanto mais perfeitamente quanto mais tranquilas elas forem. Se, pelo contrário, a superfície do lago estiver agitada, revolvida, a imagem do sol não poderá reflectir-se nela.

Algo semelhante acontece no que diz respeito à nossa alma em relação a Deus: quanto mais serena e tranquila ela estiver, mais Deus nela se reflecte, mais a sua imagem se imprime em nós, maior é a actuação da sua graça. Se, pelo contrário, a nossa alma estiver agitada e perturbada, a graça de Deus actuará com maior dificuldade. Todo o bem que podemos fazer é um reflexo do Bem essencial que é Deus. Quanto mais serena, equilibrada e abandonada estiver a nossa alma, mais esse Bem nos será comunicado e, através de nós, aos outros. *O Senhor dará fortaleza ao seu povo, o Senhor abençoará o seu povo com a paz* (Sl 29, 11).

Deus é o Deus da paz. Não fala nem opera senão no meio da paz, e não na confusão nem na agitação. Recordemos a experiência do profeta Elias no

Horeb: Deus não estava no furacão, nem no tremor de terra, nem no fogo, mas sim no *suave e brando murmúrio* (cf. 1 Rs 19)!

Com frequência inquietamo-nos e perturbamo-nos querendo resolver todas as coisas por nós mesmos, quando seria muito mais eficaz permanecermos tranquilos sob o olhar de Deus e deixar que Ele actue em nós com a sua sabedoria e o seu poder infinitamente superiores. *Porque assim diz o Senhor, o Santo de Israel: Na conversão e na calma está a vossa salvação, e a tranquilidade e a confiança serão a vossa força, mas não o quisestes* (Is 30, 15).

Bem entendido, o nosso discurso não é um convite à preguiça ou à inactividade. É um convite a agir, a agir muito em certas ocasiões, mas sob o impulso do Espírito de Deus, que é um espírito afável e sereno, e não no meio desse espírito de inquietação, de agitação e de excessiva precipitação que, com demasiada frequência, nos move. Esse zelo, mesmo por Deus, muitas vezes está mal esclarecido. São Vicente de Paulo, a pessoa menos suspeita de preguiça que alguma vez existiu, dizia: *«O bem que Deus faz fá-lo por Si mesmo, quase sem que nos apercebamos. Devemos ser mais passivos do que activos»*.

## 2. PAZ INTERIOR E FECUNDIDADE APOSTÓLICA

Alguém poderia pensar que esta procura da paz interior é egoísta: como propô-la como um dos objectivos principais dos nossos esforços, quando há no mundo tanto sofrimento e tanta miséria?

Antes de mais, devemos responder que a paz interior de que aqui se trata é a do Evangelho; nada tem a ver com uma espécie de impassibilidade, de anulação da sensibilidade ou de fria indiferença fechada sobre si mesma, de que poderiam dar-nos uma imagem certas estátuas de Buda ou algumas atitudes do ioga. Pelo contrário, como veremos mais adiante, ela é o corolário natural do amor, de uma autêntica sensibilidade perante os sofrimentos do próximo e de uma verdadeira compaixão, pois só esta paz do coração nos liberta de nós mesmos, aumenta a nossa sensibilidade em relação aos outros e nos torna disponíveis para o próximo.

Devemos acrescentar que só o homem que possui esta paz interior pode ajudar eficazmente o seu irmão. Como comunicar a paz aos outros, se eu próprio não a possuo? Como poderá haver paz nas famílias, na sociedade e entre as pessoas, se, antes de mais, não houver paz nos corações?

«Adquire a paz interior, e uma multidão encontrará a salvação junto de ti», dizia São Serafim de Sarov. Para adquirir esta paz interior, ele esforçou-se durante muitos anos por viver em combate pela conversão do coração e numa oração incessante. Depois de dezasseis anos como monge, dezasseis como eremita e mais dezasseis recolhido numa cela, só começou a ter uma influência visível após quarenta e oito anos de vida inteiramente entregue ao Senhor. Mas, a partir de então, que frutos! Milhares de peregrinos aproximavam-se dele e partiam reconfortados, libertos das suas dúvidas e inquietações, esclarecidos quanto à sua vocação, e curados no corpo e na alma.

As palavras de São Serafim testemunham a sua experiência pessoal, idêntica à de muitos outros santos. O esforço por adquirir e conservar a paz interior, impossível sem a oração, deveria ser considerado uma prioridade para todos, sobretudo para quem deseja fazer algum bem ao próximo. De outro modo, não fará habitualmente senão transmitir as suas próprias angústias e inquietações.

### **3. PAZ E COMBATE ESPIRITUAL**

Devemos, contudo, afirmar outra verdade não menos importante do que a anterior: a vida cristã é um combate, uma luta sem tréguas. Na carta aos Efésios, São Paulo convida-nos a revestir a armadura de Deus para lutar não contra a carne e o sangue, mas contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos malignos que habitam nas regiões celestes (Ef 6, 10-17), e descreve as diferentes peças dessa armadura que devemos adquirir.

Todo o cristão deve estar firmemente convencido de que a sua vida espiritual não pode, de modo algum, ser o desenvolvimento tranquilo de uma existência sem história, mas deve ser o terreno de uma luta constante, por vezes dolorosa, que só terminará com a morte: luta contra o mal, contra as tentações e contra o pecado que traz dentro de si. Este combate é

inevitável, mas deve ser considerado como uma realidade extraordinariamente positiva. Pois «sem combate não há vitória», e esse combate é verdadeiramente o lugar da nossa purificação, do nosso crescimento espiritual, onde aprendemos a conhecer-nos na nossa fraqueza e a conhecer Deus na sua infinita misericórdia; em suma, é o lugar da nossa transformação e da nossa glorificação.

No entanto, o combate espiritual do cristão, embora por vezes seja duro, não é de modo algum a luta desesperada de quem se debate na solidão e na cegueira, sem qualquer certeza quanto ao resultado. É o combate daquele que luta com a certeza absoluta de que já alcançou a vitória, porque o Senhor ressuscitou: «*Não chores; venceu o leão da tribo de Judá*» (Ap 5, 5). Não combate com as suas próprias forças, mas com as do Senhor, que lhe diz: «*Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza*» (2 Cor 12, 9). E a sua arma principal não é a firmeza natural do carácter nem a capacidade humana, mas a fé, essa adesão total a Cristo que lhe permite, mesmo nos momentos mais difíceis, abandonar-se com confiança naquele que nunca o pode abandonar. «*Tudo posso n'Aquele que me fortalece*» (Fl 4, 13). «*O Senhor é a minha luz e a minha salvação: a quem temerei?*» (Sl 27).

O cristão, chamado a «*resistir até ao sangue na luta contra o pecado*» (Heb 12, 4), combate por vezes com intensidade, mas combate com um coração sereno. E esse combate será tanto mais eficaz quanto mais sereno estiver o seu coração. Porque, como já dissemos, é precisamente essa paz interior que lhe permite combater não com as suas próprias forças — que rapidamente se esgotariam — mas com as de Deus.

#### 4. A PAZ ESTÁ FREQUENTEMENTE EM JOGO AO LONGO DO COMBATE

Importa, contudo, acrescentar ainda uma precisão. Qualquer que seja a intensidade do combate, o crente deve esforçar-se por conservar a paz do coração, para deixar que o Deus dos Exércitos combata nele. Deve, além disso, estar consciente de que a paz interior não é apenas condição do combate espiritual, mas muitas vezes *aquilo que está em jogo*. Com efeito, o combate espiritual consiste frequentemente precisamente nisto: em defender a paz interior contra o inimigo que procura arrebatá-la.

Uma das estratégias mais habituais do demónio para afastar uma alma de Deus e retardar o seu progresso espiritual consiste em fazê-la perder a paz do coração. Lorenzo Scupoli[\*], um dos grandes mestres espirituais do século XVI, muito estimado por São Francisco de Sales, escreve: «O demónio faz todos os esforços para nos tirar a paz do coração, porque sabe que Deus habita na paz e que é na paz que realiza grandes coisas.»

Recordar isto é extremamente útil, porque pode acontecer que, no desenrolar da nossa vida cristã, nos enganemos quanto ao verdadeiro combate e orientemos mal os nossos esforços: em vez de combatermos no verdadeiro campo de batalha, onde, pela graça de Deus, estamos sempre seguros da vitória, lutamos num terreno para onde o inimigo nos atrai subtilmente e onde pode vencer-nos. Este é um dos grandes «segredos» da vida espiritual: não nos enganarmos quanto ao combate, saber discernir, apesar das astúcias do inimigo, qual é o verdadeiro campo de batalha, contra o que devemos realmente lutar e onde devemos concentrar o nosso esforço.

Pensamos, por exemplo, que vencer no combate espiritual significa livrarmo-nos de todos os nossos defeitos, nunca ceder à tentação e eliminar completamente as nossas fraquezas e quedas. Ora, nesse terreno somos inevitavelmente vencidos. Quem pode pretender nunca cair? Certamente não é isso que Deus nos pede, *pois Ele conhece bem de que somos feitos e recorda-Se de que somos apenas pó* (cf. Sl 103). O verdadeiro combate espiritual consiste, antes de mais, em aprender a aceitar as nossas quedas sem desanimar, a não perder a paz do coração quando caímos, a não nos perturbarmos excessivamente por causa das nossas faltas e a saber aproveitar os nossos fracassos para crescer. Isto é sempre possível, desde que não nos inquietemos e conservemos a paz.

Poderíamos, pois, formular assim um princípio: o objectivo fundamental do combate espiritual *não é conseguir sempre a vitória* sobre as nossas tentações e fraquezas, *mas aprender a conservar a paz do coração em todas as circunstâncias, mesmo na derrota*. Só assim poderemos alcançar o outro objectivo, que é a progressiva libertação dos nossos defeitos, imperfeições e pecados. Devemos aspirar a essa vitória e desejá-la, mas com a consciência de que não será alcançada pelas nossas

próprias forças. É a graça de Deus que nos dará a vitória, e essa graça actuará tanto mais poderosamente quanto mais o nosso coração permanecer na paz e no abandono confiante nas mãos do nosso Pai do Céu.

##### 5. AS RAZÕES PELAS QUAIS PERDEMOS A PAZ SÃO SEMPRE MÁS RAZÕES

Um dos aspectos dominantes do combate espiritual é a luta no plano do pensamento. Lutar significa frequentemente opor aos pensamentos que podem reconfortar-nos e devolver-nos a paz aqueles que provêm do nosso próprio espírito, da mentalidade que nos rodeia, ou até, por vezes, do Inimigo (a origem importa muito pouco) e que nos conduzem à confusão, ao temor ou ao desânimo. A propósito deste combate, *feliz o homem que encheu a sua aljava* (Sl 127) com essas flechas que são os bons pensamentos, isto é, essas convicções sólidas fundadas na fé que alimentam a inteligência e fortalecem o coração no momento da provação.

*Entre essas flechas na mão do herói* figura uma das afirmações de fé que deve habitar em nós permanentemente, a saber: *todas as razões que temos para perder a paz são más razões.*

Certamente, esta convicção não pode basear-se em considerações humanas. Não pode ser senão uma certeza de fé, fundada na Palavra de Deus. Jesus disse-nos claramente que ela não se apoia nas razões do mundo: *«Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se perturbe o vosso coração, nem se atemorize...»* (Jo 14, 27).

Se procurarmos a paz *tal como o mundo a dá*, se esperarmos a nossa paz das razões do mundo, dos motivos pelos quais, segundo a mentalidade que nos rodeia, se pode estar em paz (porque tudo corre bem, não temos contrariedades, os nossos desejos estão absolutamente satisfeitos, etc.), é certo que nunca a encontraremos, ou então a nossa paz será extremamente frágil e de curta duração.

Para nós, crentes, a razão essencial pela qual podemos estar sempre em paz não procede do mundo. *«O meu reino não é deste mundo»* (Jo 18, 36). Ela vem da confiança na Palavra de Jesus.

Quando o Senhor afirma *que nos deixa a paz, que nos dá a paz*, as suas palavras são palavras divinas, palavras que têm a mesma força criadora daquelas que fizeram surgir o céu e a terra do nada, o mesmo peso das que acalmaram a tempestade, das palavras que curaram os doentes e ressuscitaram os mortos. E, uma vez que Jesus declara por duas vezes que nos dá a sua paz, acreditamos que esta paz jamais nos será retirada. «*Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis*» (Rom 11, 29). O que acontece é que nem sempre sabemos recebê-los ou conservá-los, porque muitas vezes nos falta a fé...

«*Disse-vos estas coisas para que tenhais paz em mim. No mundo tereis tribulações; mas tende confiança: Eu venci o mundo*» (Jo 16, 33). Em Jesus podemos permanecer sempre em paz porque Ele venceu o mundo, porque ressuscitou de entre os mortos. Pela sua morte venceu a morte, anulou a sentença de condenação que pesava sobre nós. Manifestou a benevolência de Deus para conosco. E «*se Deus é por nós, quem será contra nós?... Quem nos separará do amor de Cristo?*» (Rom 8, 31).

A partir desse fundamento inabalável da fé, vamos agora examinar certas situações em que frequentemente costumamos perder, em maior ou menor medida, a paz do coração. À luz da fé procuraremos pôr em evidência o quanto é vão perturbarmo-nos assim.

No entanto, será útil fazer previamente alguns comentários, a fim de precisar a quem se dirigem e para quem são válidas as considerações que vamos expor sobre este tema.

## 6. A BOA VONTADE, CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA A PAZ

Convém, antes de mais, esclarecer que a paz interior de que falamos não pode ser considerada como um estado acessível a todos, independentemente da sua atitude diante de Deus. O homem que se opõe a Deus, que mais ou menos conscientemente foge d'Ele, ou foge a algumas das suas exigências, não poderá viver em paz. Quando uma pessoa está próxima de Deus, O ama e deseja servi-Lo, a estratégia habitual do demónio consiste em fazê-la perder a paz. Pelo contrário, Deus vem em seu auxílio para lha restituir. Mas esta situação inverte-se no caso de uma pessoa cujo coração está afastado de Deus, vivendo na indiferença ou no mal: então, o demónio

procurará mantê-la numa falsa tranquilidade, enquanto Deus, que deseja a sua conversão, procurará inquietar a sua consciência para tentar levá-lo ao arrependimento.

O homem não pode viver numa paz profunda e duradoura se está afastado de Deus, se a sua vontade íntima não está orientada para Ele: «Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti» (Santo Agostinho).

Uma condição necessária para a paz interior é, portanto, aquilo a que podemos chamar *boa vontade*. Poderíamos também chamá-la pureza de coração. Trata-se de uma disposição estável e constante daquele que decidiu amar a Deus acima de tudo, que deseja sinceramente, em qualquer circunstância, preferir a vontade de Deus à sua própria, e que não quer recusar conscientemente nada a Deus. É certo que, na prática, a sua vida nem sempre estará em perfeita conformidade com essa intenção: haverá fraquezas, imperfeições e até quedas. Mas essa pessoa sofrerá com isso, pedirá perdão a Deus e procurará corrigir-se. Depois de eventuais momentos de desânimo, esforçar-se-á por regressar à atitude habitual daquele que quer dizer “sim” a Deus em tudo, sem excepção.

Isto é a boa vontade. Não é a perfeição, a santidade plena, pois pode coexistir com hesitações, com imperfeições e até com faltas, mas é o caminho: é exactamente a disposição habitual do coração (cujo fundamento se encontra nas virtudes da fé, da esperança e da caridade) que permite que a graça de Deus nos conduza pouco a pouco para a perfeição.

Esta boa vontade, esta disposição habitual de dizer sim a Deus, tanto nas coisas grandes como nas pequenas, é uma condição *sine qua non* da paz interior. Enquanto não adoptarmos esta determinação, continuaremos a sentir em nós certa inquietação e certa tristeza: a inquietação de não amar a Deus tanto quanto Ele nos convida a amá-Lo, a tristeza de ainda não termos dado tudo a Deus. O homem que entregou a sua vontade a Deus, de certo modo já Lhe entregou tudo. Não podemos estar realmente em paz enquanto o nosso coração não encontrar a sua unidade; e o coração só estará unificado quando todos os nossos desejos se subordinarem ao desejo de amar a Deus, de Lhe agradar e de fazer a sua vontade. Evidentemente, isso implica também a determinação habitual de nos desprendermos de tudo o

que seja contrário a Deus. E é nisso que consiste a boa vontade, condição necessária para a paz da alma.

## 7. A BOA VONTADE, CONDIÇÃO SUFICIENTE PARA A PAZ

Podemos, inversamente, afirmar que esta boa vontade basta para termos o direito de conservar o coração em paz, mesmo que ainda tenhamos muitos defeitos e fraquezas: «*Paz na terra aos homens de boa vontade*», como diz o texto latino da Vulgata.

Com efeito, que nos pede Deus, senão esta boa vontade? Que poderia exigir de nós, Ele que é um Pai bom e misericordioso, senão ver que o seu filho deseja amá-Lo acima de tudo, sofre por não O amar suficientemente e está disposto — ainda que se sinta incapaz — a desprender-se de tudo o que se opõe a esse amor? Não será então o próprio Deus que virá cumprir em nós aquilo que não conseguimos realizar pelas nossas próprias forças?

Para ilustrar o que acabamos de dizer — que a boa vontade basta para nos tornar agradáveis a Deus e, por conseguinte, para vivermos em paz — apresentamos um episódio da vida de Santa Teresa de Lisieux, relatado por sua irmã Céline:

«Um dia em que a irmã Teresa me tinha mostrado todos os meus defeitos, eu sentia-me triste e desanimada. Pensava: eu, que tanto desejo adquirir a virtude, vejo-me tão longe dela; gostaria de ser doce, paciente, humilde, caridosa... ah, nunca o conseguirei!... No entanto, na oração da tarde, li que, ao manifestar Santa Gertrudes o mesmo desejo, Nosso Senhor lhe respondeu: “Em tudo e sobretudo, *tem boa vontade*: essa disposição basta para dar à tua alma o brilho e o mérito de todas as virtudes. Quem tem boa vontade, o desejo sincero de procurar a minha glória, de me dar graças, de se compadecer dos meus sofrimentos, de me amar e servir como todas as criaturas juntas, receberá certamente recompensas dignas da minha generosidade; e o seu desejo será, por vezes, mais proveitoso do que as obras dos outros.”»

«Muito contente com estas palavras, continua Céline, comuniquei-as à irmã Teresa, que acrescentou: “Leste o que se conta da vida do Padre Surin? Durante um exorcismo, os demónios disseram-lhe: ‘Conseguimos tudo...

excepto vencer essa cadela da *boa vontade!*’ Pois bem, se não tens virtudes, tens essa ‘pequenina cadela’ que te salvará de todos os perigos. Consola-te: ela levar-te-á ao Paraíso!... Ah! onde está a alma que não deseja alcançar a virtude? Esse é o caminho comum! Mas quão poucas são as que aceitam cair, ser fracas, sentir-se felizes por se verem por terra e por serem surpreendidas nesse estado!”» (*Conselhos e Recordações de Sor Genoveva*)

Como vemos neste texto, a ideia que Teresa — «a maior santa dos tempos modernos», segundo o Papa Pio XI — tinha da perfeição está muito distante daquela que espontaneamente fazemos. Voltaremos a este ponto mais adiante. Por agora, limitemo-nos a reter esta verdade: a boa vontade basta para nos manter em paz. Passemos agora ao exame das diferentes situações em que frequentemente perdemos essa paz do coração.

---

[\*] Lorenzo Scupoli é o autor do livro *Combate Espiritual*

## II. COMO REAGIR DIANTE DO QUE NOS FAZ PERDER A PAZ

### 1. AS PREOCUPAÇÕES DA VIDA E O MEDO DE FALHAR

A causa mais frequente da perda da paz é o medo provocado por certas situações que nos dizem respeito pessoalmente e nas quais nos sentimos ameaçados: receio diante das dificuldades presentes ou futuras, medo de falhar em algo importante, de não conseguir levar a cabo um projecto, etc. Os exemplos são inúmeros e dizem respeito a todos os domínios da nossa vida: saúde, vida familiar, profissional, comportamento moral ou até a própria vida espiritual.

Em cada caso, trata-se sempre de um bem — material (dinheiro, saúde, forças), moral (capacidades, estima, afecto de certas pessoas) ou espiritual — que desejamos ou consideramos necessário, e que tememos perder, não alcançar ou que sentimos faltar-nos. E é esta insegurança ou este medo que nos faz perder a paz.

O que nos permitirá conservar a paz diante dessas situações? Certamente não bastam os recursos humanos, nem a prudência baseada em cálculos, previsões e garantias. Quem pode assegurar a posse de um bem, seja ele qual for? Tudo o que possuímos pode desaparecer de um momento para o outro. «*Quem de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à sua estatura?*» (Mt 6, 27). O homem nunca está seguro de obter aquilo que deseja. Não possui garantias absolutas sobre as quais possa apoiar-se. E não é este o caminho que Jesus nos indica. Pelo contrário, diz-nos: «*Quem quiser salvar a sua vida, há-de perdê-la*» (Mt 16, 25).

Pode dizer-se que o meio mais seguro de perder a paz é precisamente tentar assegurar a própria vida apenas com meios humanos, com os nossos projectos, decisões ou apoios exteriores. Dada a limitação das nossas forças, a impossibilidade de prever tudo e as inevitáveis decepções, aquele que quer “salvar-se” por si mesmo vive frequentemente na inquietação.

Para manter a paz no meio dos avatares da existência humana, não temos mais do que uma solução: apoiar-nos unicamente em Deus, com uma

confiança plena n'Ele, como esse «Pai do Céu que sabe que precisais de todas essas coisas» (Mt 6, 32).

*«Por isso vos digo: não vos preocupeis com a vossa vida, com o que haveis de comer, nem com o vosso corpo, com o que haveis de vestir. Não vale a vida mais do que o alimento e o corpo mais do que o vestuário? Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, nem recolhem em celeiros, e o vosso Pai celeste alimenta-as. Não valeis vós muito mais do que elas? Quem de vós, por mais que se preocupe, pode acrescentar um só côvado à sua estatura? Olhai os lírios do campo: não trabalham nem fiam; e Eu vos digo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles. Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, não fará muito mais por vós, homens de pouca fé? Não vos inquieteis, pois, dizendo: que comeremos, que beberemos ou com que nos vestiremos? São os pagãos que procuram tudo isso. O vosso Pai celeste sabe que precisais de tudo isso. Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acréscimo. Não vos preocupeis com o dia de amanhã: o dia de amanhã tratará de si mesmo. A cada dia basta a sua preocupação» (Mt 6, 25-34).*

Evidentemente, Jesus não proíbe que façamos tudo o que for necessário para ganhar o nosso sustento, para nos vestirmos e suprimos todas as nossas outras necessidades, mas quer libertar-nos das preocupações que nos atormentam e nos fazem perder a paz.

No entanto, muitos sentem-se surpreendidos com estas palavras e não as assumem plenamente, chegando mesmo a escandalizar-se com esta maneira de ver as coisas. Contudo, quantos desgostos e tormentos inúteis evitariam se quisessem levar a sério estas palavras, que são palavras de Deus, palavras de amor, de consolação e de uma ternura extraordinária!

Este é o nosso grande drama: o homem não confia em Deus e, então, em vez de se abandonar nas mãos doces e seguras do seu Pai do Céu, procura por todos os meios arranjar-se pelas suas próprias forças, tornando-se assim terrivelmente infeliz. Como é injustificada esta falta de confiança! Não é absurdo que um filho duvide assim do seu Pai, quando esse Pai é o melhor e o mais poderoso que pode existir, quando esse Pai é o Pai do Céu?

Apesar disso, vivemos frequentemente no meio dessa situação absurda. Escutemos a repreensão que o Senhor nos dirige pela boca de Santa Catarina de Sena:

*«Porque não confias em mim, teu Criador? Porque te apoias em ti próprio? Não sou eu fiel e leal para contigo?... Redimido, e recuperada a graça em virtude do sangue do meu Filho único, o homem pode, pois, dizer que experimentou a minha fidelidade. E, no entanto, parece ainda duvidar de que eu seja suficientemente poderoso para o socorrer, suficientemente forte para o assistir e defender contra os seus inimigos, suficientemente sábio para iluminar o olhar da sua inteligência, ou de que tenha a clemência necessária para lhe querer dar aquilo de que precisa para a sua salvação. Parece acreditar que não sou suficientemente rico para fazer a sua fortuna, nem suficientemente belo para o tornar belo; dir-se-ia que tem medo de não encontrar em mim o pão para se alimentar nem o vestido para se cobrir.» (Diálogo, cap. 14).*

Por exemplo, muitos jovens hesitam em entregar totalmente a sua vida a Deus porque não confiam que Ele seja capaz de os tornar plenamente felizes. E, ao procurarem assegurar por si próprios a sua felicidade, tornam-se tristes e infelizes!

Essa é a grande vitória do Pai da Mentira, do Acusador: conseguir colocar no coração de um filho de Deus a desconfiança em relação ao seu Pai!

No entanto, todos chegamos ao mundo marcados por essa desconfiança: isso é o pecado original. E toda a nossa vida espiritual consiste precisamente num longo processo de reeducação, com o objectivo de recuperar, pela graça do Espírito Santo, essa confiança perdida que nos faz dizer de novo a Deus: *«Abba, Pai!»*.

É verdade que esse *«regresso à confiança»* nos é muito difícil, longo e penoso. Surgem dois obstáculos principais.

## 2. A NOSSA DIFICULDADE EM ACREDITAR NA PROVIDÊNCIA

O primeiro obstáculo consiste no seguinte: enquanto não tivermos experimentado concretamente a fidelidade da Providência divina em suprir as nossas necessidades essenciais, custa-nos acreditar nela e abandonar-nos nas suas mãos. Somos teimosos: as palavras de Jesus não nos bastam; queremos ver, pelo menos um pouco, para acreditar. Mas não vemos claramente essa acção de Deus na nossa vida... Como poderemos então experimentá-la?

É importante saber uma coisa: só experimentaremos o apoio de Deus se Lhe deixarmos o espaço necessário para que Ele se possa manifestar. Gostaria de fazer uma comparação: enquanto o pára-quedista não saltar para o vazio, não poderá verificar que as cordas o sustêm, pois o pára-quedas ainda não teve a possibilidade de se abrir. É preciso saltar primeiro, e só então se sentirá sustentado. Na vida espiritual acontece o mesmo: *«Deus dá-nos na medida em que esperamos d'Ele»*, diz São João da Cruz. E São Francisco de Sales: *«A medida da Providência Divina para connosco é a confiança que nela depositamos»*. Aí reside o verdadeiro problema: muitos não acreditam na Providência porque nunca a experimentaram, mas não a experimentaram porque nunca deram o salto para o vazio, o salto da fé, e não Lhe dão a possibilidade de intervir: calculam tudo, prevêm tudo, procuram resolver tudo pelos seus próprios meios em vez de contar com Deus. Os fundadores de ordens religiosas vão audaciosamente à frente neste espírito de fé: compram casas sem terem um cêntimo ou acolhem pobres sem saber com que os alimentar. Então Deus faz milagres em seu favor, chegam os cheques e os celeiros enchem-se. Mas, com demasiada frequência, ao fim de algumas gerações, tudo está planificado, contabilizado, e ninguém assume uma despesa sem ter a certeza de a poder cobrir. Como poderá então manifestar-se a Providência? E isto também é válido no plano espiritual. Se, para ter a certeza de não ficar mal diante do seu auditório, um sacerdote redige todos os seus sermões e conferências até à última vírgula, sem nunca ter tido a audácia de se lançar a pregar apoiando-se como única preparação na oração e na confiança em Deus, como chegará a experimentar a ajuda do Espírito Santo que fala pela sua boca segundo as palavras do Evangelho: *«Não vos preocupeis com o modo como haveis de falar ou com aquilo que haveis de dizer, porque nessa hora vos será dado o que haveis de dizer. Pois não sois vós os que falais, mas é o Espírito do vosso Pai que fala em vós»* (Mt 10, 19).

Sejamos claros: evidentemente, não queremos dizer que ser providente, fazer um orçamento ou preparar um sermão seja uma coisa má. Os nossos talentos naturais são também instrumentos nas mãos da Providência! Mas tudo depende da disposição interior com que o fazemos. Temos de compreender que existe uma enorme diferença entre a atitude do coração daquele que — por receio de ser apanhado desprevenido, e não acreditando na intervenção divina em favor dos que contam com ela — programa antecipadamente até os mais pequenos detalhes e só actua dentro da medida exacta da sua capacidade actual, e a daquele que, certamente, faz tudo o que é legítimo, mas se abandona confiadamente em Deus para empreender tudo aquilo que Ele lhe pede e que ultrapassa as suas possibilidades. E aquilo que Deus nos pede está sempre acima das nossas possibilidades naturais!

### 3. O MEDO DO SOFRIMENTO

O outro grande obstáculo ao abandono é a presença do sofrimento na nossa própria vida e no mundo que nos rodeia. O próprio Deus permite o sofrimento daqueles que se abandonam n'Ele, consentindo que lhes falem certas coisas, por vezes de modo doloroso. Em que pobreza viveu a família da pequena Bernadette de Lourdes? Não será isso um desmentido das palavras do Evangelho? Não, porque o Senhor pode permitir que nos falem certas coisas (por vezes consideradas indispensáveis aos olhos do mundo), mas nunca nos deixará privados do essencial: da sua presença, da sua paz e de tudo aquilo que, segundo os seus desígnios, é necessário para a plena realização da nossa vida. Se permite os sofrimentos, a nossa força consiste em acreditar que «*Deus não permite sofrimentos inúteis*», como diz Teresa de Lisieux.

Se quisermos levar até ao limite a nossa fé cristã, devemos estar convencidos de que, tanto no âmbito da nossa história pessoal como no da história do mundo, Deus é suficientemente bom e poderoso para utilizar em nosso favor todo o mal, seja ele qual for, e todo o sofrimento, por mais absurdo e inútil que pareça. Não podemos ter uma certeza matemática ou filosófica disso: só pode ser um acto de fé, mas é precisamente esse acto de fé que nos convida a proclamar a Ressurreição de Jesus, entendida e assumida como a vitória definitiva de Deus sobre o mal.

O mal é um mistério, um escândalo, e sê-lo-á sempre. É preciso fazer tudo o que for possível para o eliminar, para aliviar a dor, mas ele está sempre presente na nossa história pessoal e na história do mundo. O seu lugar na economia da Redenção compete à Sabedoria de Deus, que não é a sabedoria dos homens e que trará sempre em si algo de incompreensível: *«Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o Senhor. Quanto os céus estão acima da terra, tanto os meus caminhos estão acima dos vossos, e os meus pensamentos acima dos vossos pensamentos»* (Is 55, 9).

Em certos momentos da sua vida, o cristão ver-se-á, pois, convidado a acreditar contra as aparências, a *«esperar contra toda a esperança»* (Rom 4, 18). Inevitavelmente, surgem ocasiões em que não podemos compreender os motivos da actuação de Deus, porque nelas não intervém a sabedoria dos homens, uma sabedoria ao nosso alcance, compreensível e explicável pela inteligência humana, mas sim a misteriosa e incompreensível Sabedoria divina.

E, felizmente, nem sempre podemos compreender! Caso contrário, como seria possível deixar a Sabedoria de Deus actuar segundo os seus desígnios? Haveria então lugar para a confiança? É verdade que, em muitas coisas, não nos comportáramos como Deus procede. Não teríamos escolhido a loucura da Cruz como meio de Redenção! Felizmente, não é a nossa sabedoria, mas a Sabedoria de Deus que dirige todas as coisas, pois ela é infinitamente mais poderosa e mais amante, e sobretudo mais misericordiosa.

E se a Sabedoria de Deus é incompreensível nos seus caminhos, e por vezes desconcertante no seu modo de agir para connosco, ela é o penhor — também incompreensível — daquilo que prepara para os que nela esperam e que ultrapassa infinitamente em glória e beleza tudo aquilo que possamos imaginar ou conceber: *«O que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem jamais passou pelo coração do homem, isso preparou Deus para os que O amam»* (I Cor 2, 9).

A sabedoria do homem só pode produzir obras à medida humana; só a Sabedoria divina pode realizar coisas divinas, e é para essa grandeza divina que estamos destinados.

Esta deve ser, pois, a nossa força diante do problema do mal: não uma resposta filosófica, mas uma confiança filial em Deus, no seu Amor e na sua Sabedoria. A certeza de que *«todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus»*, e de que *«os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que há-de manifestar-se em nós»* (Rom 8, 18).

#### 4. PARA CRESCER NA CONFIANÇA, UMA ORAÇÃO DE FILHO

Como crescer nesta confiança total em Deus, como cultivá-la e alimentá-la em nós? Certamente, não apenas por especulações intelectuais e considerações teológicas que não se sustentarão no momento da provação, mas por um olhar de contemplação dirigido a Jesus.

O que verdadeiramente inspira confiança é contemplar Jesus, que dá a sua vida por nós, e alimentarmo-nos desse *«amor demasiado grande»* que nos manifesta na Cruz. Como poderia esta prova suprema de amor — *ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos* (Jo 15, 13) — incansavelmente contemplada, acolhida por um olhar de amor e de fé, não fortalecer pouco a pouco o nosso coração com uma confiança inabalável? Que se pode temer de um Deus que nos manifesta o seu amor de modo tão evidente? Como não há-de estar *por nós*, plena e absolutamente *a nosso favor*, como não há-de fazer tudo por nós esse Deus amigo dos homens que *«nem ao seu próprio Filho poupou, mas O entregou por todos nós»!* E *«se Deus é por nós, quem será contra nós?»*. Se Deus está connosco, que mal nos poderá acontecer?

Vemos assim a absoluta necessidade da contemplação para crescer na confiança. No fundo, são demasiadas as pessoas que se sentem intranquilas porque não são contemplativas e não tomam o tempo necessário para alimentar o próprio coração e devolver-lhe a paz com um olhar de amor pousado em Jesus. Para resistir ao temor, ao abatimento, é preciso que, por meio da oração, por uma experiência pessoal de Deus reencontrado, reconhecido e amado através dela, possamos *«saborear e ver como o Senhor é bom»* (Sl 34). A certeza que o hábito da oração infunde em nós é mais forte do que aquela que se desprende dos raciocínios, mesmo que sejam da mais alta teologia. Para resistir aos incessantes assaltos do mal e aos pensamentos de desânimo e desconfiança, a nossa oração deve ser

incessante e incansável. Em numerosas ocasiões fui fazer a hora quotidiana de adoração ao Santíssimo Sacramento num estado de preocupação e desânimo e, sem que tenha acontecido nada de particular, sem dizer nem sentir qualquer coisa especial, saí com o coração pacificado. As circunstâncias exteriores eram as mesmas, os problemas continuavam por resolver, mas o coração tinha mudado e, a partir desse momento, podia enfrentá-los tranquilamente. O Espírito Santo tinha realizado o seu trabalho em segredo.

Nunca insistiremos suficientemente na necessidade da oração silenciosa, a verdadeira fonte da paz interior. Como abandonar-nos em Deus e confiar n'Ele, se apenas O conhecemos de longe, por ouvir dizer? «*Só de ouvir falar Te conhecia, mas agora os meus olhos viram-Te*» (Job 42, 5). O coração só desperta para a confiança se despertar para o amor, e temos necessidade de experimentar a doçura e a ternura do coração de Jesus. Isso obtém-se unicamente graças ao hábito da oração, desse doce repouso em Deus que é a oração contemplativa.

Aprendamos, pois, a abandonar-nos com a simplicidade das crianças, a confiar totalmente em Deus tanto nas coisas grandes como nas pequenas, e Ele manifestará a sua ternura, a sua providência e a sua fidelidade de um modo por vezes comovente. Se em certos momentos nos trata com aparente dureza, tem também delicadezas inesperadas das quais só é capaz um amor tão terno e puro como o seu. No final da sua vida, São João da Cruz, a caminho do convento onde terminaria os seus dias, doente, exausto e sem forças, sentiu vontade de comer espargos como na sua infância. Junto da pedra onde se sentou para recuperar o fôlego, apareceu um molho deles, ali depositado milagrosamente.

No meio das nossas provações experimentaremos essas delicadezas do Amor; não estão reservadas aos santos, mas a todos os pobres que realmente acreditam que Deus é o seu Pai. E serão um poderoso estímulo para nos abandonarmos, um estímulo muito mais eficaz do que qualquer raciocínio.

Creio que aí reside a verdadeira resposta ao mistério do mal e da dor, uma resposta não filosófica, mas existencial: exercitando-me no abandono, adquire a experiência concreta de que, efectivamente, «*isso funciona*», de

que Deus faz com que tudo coopere para o meu bem, até o mal, até a dor e até os meus próprios pecados. No fundo, quando chegam certas situações que eu temia, depois do primeiro impacto doloroso, parecem-me suportáveis e benéficas. Aquilo que eu considerava em meu desfavor revela-se afinal feito em meu favor. Então digo para comigo: o que Deus, na sua infinita Misericórdia, faz por mim, tem de o fazer igualmente pelos outros e também pelo mundo inteiro, de um modo misterioso e oculto.

#### 5. OU NOS ABANDONAMOS COMPLETAMENTE OU NÃO NOS ABANDONAMOS DE TODO...

Convém fazer um comentário a propósito do abandono. Para que ele seja autêntico e gere a paz, é preciso que seja pleno; que coloquemos tudo, sem excepção, nas mãos de Deus, sem procurar organizar-nos nem «*salvar-nos*» por nós mesmos em campo algum: material, afectivo ou espiritual. Não se pode dividir a existência humana em secções: em algumas seria legítimo abandonarmo-nos confiadamente em Deus, e noutras, pelo contrário, conviria «*desenrascarmo-nos*» exclusivamente por nós próprios. E saibamos uma coisa: qualquer realidade que não abandonemos, que pretendamos organizar por nossa conta sem dar «*carta branca*» a Deus, continuará a inquietar-nos de um modo ou de outro. A medida da nossa paz interior será a do nosso abandono, isto é, a do nosso desprendimento.

O abandono implica assim uma parte inevitável de renúncia, e é isso o que mais nos custa. Temos uma tendência natural para nos «*apegarmos*» a uma multidão de coisas: bens materiais, afectos, desejos, projectos, etc., e custa-nos terrivelmente largar a presa, porque temos a impressão de nos perdermos, de morrermos. Nesses momentos devemos acreditar com todo o nosso coração na palavra de Jesus, nessa lei de «*quem perde ganha*» tão explícita no Evangelho: «*Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á, mas quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la*» (Mt 16, 25). Aquele que aceita a renúncia, essa morte que é o desprendimento, encontra a verdadeira vida. O homem que se agarra a alguma coisa, que quer salvar o seu domínio sobre alguma parcela da sua vida para administrar segundo a sua conveniência, sem a abandonar radicalmente nas mãos de Deus, faz um cálculo muito errado: carrega-se de preocupações inúteis e expõe-se à inquietação de a perder. Pelo contrário, aquele que aceita deixar tudo nas mãos de Deus, dar-Lhe permissão para dar e tirar

segundo o seu beneplácito, encontra uma paz e uma liberdade interior inexplicáveis. «Ah, se soubéssemos o que se ganha renunciando a todas as coisas!», diz Santa Teresa de Lisieux. Esse é o caminho da felicidade: se Lhe deixarmos actuar livremente, Deus é infinitamente mais capaz de nos fazer felizes do que nós próprios, pois conhece-nos e ama-nos mais do que nós nos conhecemos e amamos. São João da Cruz exprime esta verdade noutros termos: «*Foram-me dados todos os bens desde o momento em que deixei de os procurar*». Se nos desprendermos de tudo, colocando tudo nas mãos de Deus, Deus devolver-nos-á muito mais, o cêntuplo, «*já nesta vida*» (Mc 10, 30).

#### 6. DEUS PEDE TUDO, MAS NÃO TOMA NECESSARIAMENTE TUDO

A propósito de tudo o que acabámos de considerar, é importante que saibamos desmascarar um ardil que o demónio costuma empregar para nos desconcertar e desanimar. Diante de algum bem de que dispomos (um bem material, uma amizade, uma actividade de que gostamos, etc.), e para impedir que nos abandonemos em Deus, o demónio faz-nos imaginar que, se Lhe entregarmos tudo, Deus, efectivamente, nos tirará tudo e «*arrasará*» a nossa vida. Isso provoca um medo que nos paralisa por completo! Mas não devemos cair nessa armadilha. Pelo contrário, o Senhor pede-nos apenas uma atitude de desprendimento no coração, uma disposição para dar tudo, mas não necessariamente toma «*tudo*»: deixa-nos a posse tranquila de muitas coisas, desde que possam servir os seus desígnios e não sejam más em si mesmas. Sabe também tranquilizar-nos diante dos escrúpulos que eventualmente poderíamos sentir por usufruir de certos bens ou de determinadas satisfações humanas, um escrúpulo frequente entre aqueles que amam o Senhor e querem fazer a sua vontade. Devemos acreditar firmemente que, se Deus nos pedir um desprendimento efectivo de determinada realidade, no-lo fará compreender claramente no momento oportuno; e esse desprendimento, mesmo sendo doloroso no instante presente, será seguido de uma profunda paz. Assim, a atitude adequada consiste simplesmente em estar disposto a entregar tudo a Deus sem qualquer temor e, com uma confiança total, deixar que Ele actue livremente segundo a sua vontade.

#### 7. QUE FAZER QUANDO NÃO CONSEGUIMOS ABANDONAR-NOS?

Fizeram esta mesma pergunta a Marthe Robin. A sua resposta foi: «*Abandonarmo-nos de qualquer maneira!*». É a resposta de uma santa e não me atrevo a propor outra diferente. Coincide com a frase de Teresa de Lisieux: «*A minha única lei é o abandono total!*».

O abandono não é natural, é uma graça que devemos pedir a Deus. Ele concedê-la-á se rezarmos com perseverança. «*Pedi e recebereis...*» (Mt 7, 7).

O abandono é um fruto do Espírito Santo que o Senhor não nega àquele que o pede com fé: «*Se vós, sendo maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que Lho pedem?*» (Lc 11, 13).

#### 8. O SENHOR É MEU PASTOR, NADA ME FALTA

Uma das mais belas expressões do abandono confiante nas mãos de Deus é o salmo 23 da Bíblia:

O Senhor é o meu pastor, nada me falta.  
Faz-me repousar em verdes prados  
e conduz-me a águas refrescantes.  
Reanima a minha alma,  
guia-me por caminhos rectos  
por amor do seu nome.

Ainda que tenha de passar  
por um vale tenebroso,  
não temerei mal algum,  
porque Tu estás comigo.  
O teu cajado e o teu bastão  
são o meu consolo.

Preparas diante de mim uma mesa  
à vista dos meus inimigos.  
Derramas óleo sobre a minha cabeça,  
e o meu cálice transborda.

Só a bondade e a benevolência  
me acompanharão  
todos os dias da minha vida.

E habitarei na casa do Senhor  
por largos dias.

Gostaríamos de voltar por alguns momentos a esta surpreendente afirmação da Sagrada Escritura, segundo a qual Deus não permite que nos falte nada. Isso servirá para desmascarar uma tentação, por vezes subtil, na qual caem muitas pessoas e que paralisa enormemente o progresso espiritual.

Trata-se concretamente da tentação de acreditar que falta algo de essencial na nossa situação (pessoal, familiar...) e que, por causa disso, nos é negado o progresso e a possibilidade de nos desenvolvermos espiritualmente.

Por exemplo, falta-me saúde e, então, não consigo rezar do modo que me parece indispensável; ou então, o ambiente familiar impede-me de organizar as minhas actividades espirituais como gostaria; ou ainda, não tenho as qualidades, a força, as virtudes e os dons necessários para fazer algo de valioso no campo da vida cristã. Não estou satisfeito com a minha vida, com a minha pessoa ou com as minhas condições, e vivo com a sensação constante de que, enquanto as coisas continuarem assim, me será impossível viver de modo real e intenso. Sinto-me em inferioridade em relação aos outros e trago comigo a nostalgia contínua de uma vida diferente, melhor, mais favorável, na qual, finalmente, poderia fazer coisas importantes.

Segundo a expressão de Rimbaud, tenho a sensação de que «*a verdadeira vida está noutro lugar*», num lugar onde a minha vida não está, e de que esta não é uma verdadeira vida, que, por culpa de algumas limitações ou de alguns sofrimentos, não me oferece as condições de um autêntico florescimento espiritual. Estou concentrado no lado negativo da minha situação, naquilo que me falta para ser feliz, e isso torna-me descontente, invejoso e desanimado e, conseqüentemente, não avanço; digo para comigo: a verdadeira vida está noutro lugar e, simplesmente, esqueço-me de viver.

No entanto, por vezes bastaria muito pouca coisa para que tudo fosse diferente e eu avançasse a passos de gigante: bastaria outro olhar, um olhar de confiança e de esperança sobre a minha situação (baseado na certeza de que nada me poderá faltar). E então, as portas abrir-se-iam diante de mim: possibilidades inesperadas de crescimento espiritual.

Muitas vezes vivemos no meio de uma ilusão: queremos que mude aquilo que nos rodeia, que mudem as circunstâncias, e temos a impressão de que, então, tudo iria melhor. Mas isso costuma ser um erro: não são as circunstâncias exteriores que têm de mudar; em primeiro lugar, tem de mudar o nosso coração, purificando-se do seu fechamento, da sua tristeza, da sua falta de esperança: «*Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus*» (Mt 5, 8). Bem-aventurados os que têm o coração purificado pela fé e pela esperança, que dirigem para a sua vida um olhar iluminado pela certeza de que, apesar das aparências desfavoráveis, Deus está presente, atende às suas necessidades essenciais e que, portanto, nada lhes falta. Então, se tiverem esta fé, verão Deus: experimentarão a presença de Deus, que os acompanha e guia; compreenderão que todas aquelas circunstâncias que lhes pareciam negativas e prejudiciais para a sua vida espiritual são, na pedagogia de Deus, de facto, meios poderosos para os fazer avançar e crescer. São João da Cruz diz que «*costuma acontecer que, por onde a alma julga perder, ganha e aproveita mais*». Isto é muito verdadeiro.

Em algumas ocasiões estamos tão obnubilados por aquilo que não funciona, por aquilo que (segundo os nossos critérios!) deveria ser diferente no nosso caso, que esquecemos o positivo, além de que não sabemos aproveitar todos os aspectos da nossa situação, mesmo os aparentemente negativos, para nos aproximarmos de Deus e crescermos na fé, no amor e na humildade. O que nos falta é, sobretudo, a convicção de que «*o amor de Deus tira proveito de tudo, do bem e do mal que encontra em mim*» (Santa Teresa de Lisieux, inspirando-se em São João da Cruz). Em vez de nos lamentarmos e de querermos libertar-nos a todo o custo das nossas imperfeições, poderíamos transformá-las em ocasiões esplêndidas para avançar na humildade e na confiança na misericórdia de Deus e, conseqüentemente, na santidade.

O problema de fundo é que estamos demasiado apegados às nossas opiniões sobre aquilo que é bom e aquilo que não o é, e não confiamos suficientemente na Sabedoria e no poder de Deus. Não acreditamos que Ele seja capaz de se servir de tudo para o nosso bem e que nunca, em circunstância alguma, deixará que nos falte o essencial, em poucas palavras, aquilo que nos permite amar mais, pois crescer ou desenvolver-se na vida

espiritual é aprender a amar. Se tivéssemos mais fé, muitas circunstâncias que consideramos perniciosas poderiam transformar-se em ocasiões maravilhosas para amar mais, sermos mais pacientes, mais humildes, mais dóceis, mais misericordiosos e para nos abandonarmos mais nas mãos de Deus.

Quando chegarmos a convencer-nos disto, obteremos uma força imensa: Deus pode permitir que algumas vezes me falte o dinheiro, a saúde, o talento, as virtudes, mas nunca me faltará Ele próprio, a sua ajuda e a sua misericórdia, e tudo aquilo que me permita aproximar-me cada vez mais estreitamente d'Ele, amá-Lo mais intensamente, amar melhor o próximo e alcançar a santidade.

#### 9. ATITUDE QUE DEVEMOS ADOPTAR DIANTE DO SOFRIMENTO DOS QUE NOS RODEIAM

Surge frequentemente uma situação em que corremos o risco de perder a paz interior: quando uma pessoa próxima se encontra em circunstâncias difíceis. Por vezes sentimos mais preocupação e angústia pelo sofrimento de um amigo ou de uma criança do que pelo nosso próprio sofrimento. Em si, é um belo sentimento, mas não deve tornar-se motivo de desespero. Quantas inquietações, por vezes exageradas, reinam nas famílias quando um dos seus membros sofre uma provação na saúde, está desempregado, atravessa um momento de depressão, etc.! Quantos pais se deixam atormentar pela preocupação causada pelo problema de algum dos seus filhos...!

Por todas as razões que expusemos nas páginas anteriores, o Senhor convida-nos, também nesses casos, a não perder a paz interior. Por mais legítima que seja a nossa dor, devemos permanecer serenos. O Senhor não nos abandonará: *«Poderá uma mulher esquecer-se do filho que amamenta, deixar de se compadecer do fruto das suas entranhas? Ainda que elas se esquecessem, Eu não te esqueceria!»* (Is 49, 15).

No entanto, gostaríamos de insistir no seguinte ponto: como veremos a seguir, do mesmo modo que é importante saber distinguir entre a verdadeira e a falsa humildade, entre o arrependimento autêntico, sereno e confiante, e o falso arrependimento — os remorsos inquietantes que nos paralisam —,

devemos saber distinguir entre aquilo a que poderíamos chamar a verdadeira e a falsa compaixão.

É certo que, quanto mais avançamos na vida cristã, mais cresce a nossa compaixão. Enquanto que, por natureza, somos duros e indiferentes, o espectáculo da miséria do mundo e da dor dos irmãos arranca lágrimas aos santos, cuja intimidade com o Senhor tornou «líquido» o seu coração, segundo as palavras do Santo Cura d'Ars. São Domingos passava as noites em lágrimas e oração, suplicando ao Senhor: «*Misericórdia minha, que será dos pecadores!*» E teríamos o direito de pôr em dúvida o valor da vida espiritual da pessoa que não manifestasse uma compaixão crescente.

No entanto, a compaixão dos santos, por mais disposta que esteja a partilhar e aliviar a miséria, é sempre doce, pacífica e reconfortante. É um fruto do Espírito Santo.

A nossa compaixão costuma ser inquieta e confusa. Temos uma maneira de nos envolvermos na dor alheia que nem sempre é a adequada, que por vezes procede mais do amor-próprio do que de um verdadeiro amor ao próximo. Julgamos que a nossa preocupação por alguém que está em dificuldades é justificada, que constitui uma prova do amor que sentimos por essa pessoa. Mas isso é falso. Geralmente, nesta atitude esconde-se um grande amor-próprio. Não suportamos o sofrimento alheio porque temos medo de sofrer nós próprios: também neste caso nos falta confiança em Deus.

É normal que nos sintamos profundamente afectados pelo sofrimento de um ente querido, mas, se por esse motivo nos atormentamos ao ponto de perder a paz, isso significará que o nosso amor por essa pessoa não é plenamente espiritual, ainda não é um amor segundo Deus. É ainda um amor demasiado humano e, sem dúvida, egoísta, insuficientemente fundado numa confiança inabalável em Deus.

Para que a compaixão seja verdadeiramente uma virtude cristã, deve proceder do amor (que consiste em desejar o bem da pessoa à luz de Deus e de acordo com os desígnios divinos) e não do medo (medo da dor, medo de perder alguma coisa). De facto, com demasiada frequência, a nossa atitude

diante daqueles que sofrem à nossa volta está mais condicionada pelo medo do que fundada no amor.

Uma coisa é certa: Deus ama os nossos próximos infinitamente mais e infinitamente melhor do que nós. Deseja que acreditemos nesse amor e que saibamos também abandonar nas suas mãos aqueles que amamos. E, muitas vezes, a nossa ajuda será assim mais eficaz.

Os nossos irmãos e irmãs que sofrem precisam à sua volta de pessoas tranquilas, confiantes e alegres, que os ajudarão com maior eficácia do que pessoas angustiadas e preocupadas. A nossa falsa compaixão não faz mais do que acrescentar uma tristeza a outra, uma desilusão a outra, e não é uma fonte de paz e de esperança para aqueles que padecem.

Gostaria de dar um exemplo concreto de que fui testemunha recentemente. Trata-se de uma jovem mulher que sofre de uma penosa depressão; os medos e angústias que a sua doença lhe provoca impedem-na de sair sozinha pela cidade. A sua mãe, desconsolada e em lágrimas, suplicava-me que rezasse pela sua cura. Respeito infinitamente a dor compreensível daquela mãe e, evidentemente, rezámos pela sua filha. No entanto, o que me surpreendeu foi que, quando um pouco mais tarde tive ocasião de falar com a jovem, me apercebi de que suportava o seu sofrimento com grande paz. Disse-me: *«Sou incapaz de rezar, mas a única coisa que não deixo de dizer a Jesus são as palavras do Salmo 23: “O Senhor é o meu pastor, nada me falta”»*. Disse-me também que via os frutos positivos da sua doença, especialmente da parte do pai, que, sendo antes muito duro para com ela, tinha agora mudado de atitude.

Vi frequentemente casos deste género: uma pessoa que sofre uma prova vive-a melhor do que o seu meio envolvente, agitado e nervoso! Por vezes multiplicam-se os pedidos de cura, até de libertação, e procuram-se todos os meios possíveis e imagináveis para a obter para essa pessoa, esquecendo que, evidentemente, a mão de Deus está sobre ela. Não pretendo dizer que não seja necessário acompanhar as pessoas que sofrem, pedir a sua cura com uma oração perseverante e fazer tudo o que seja humana e espiritualmente possível para a alcançar; evidentemente, temos o dever de o fazer, mas sempre num clima de abandono e confiança nas mãos de Deus.

## 10. JESUS ESTÁ EM TODO AQUELE QUE SOFRE

A razão definitiva que nos ajudará a enfrentar serenamente o drama da dor é a seguinte: devemos levar a sério o mistério da Encarnação e o da Cruz: Jesus tomou a nossa carne, assumiu realmente sobre Si os nossos sofrimentos e, deste modo, está em todo aquele que sofre. No capítulo 25 do Evangelho de São Mateus, sobre o Juízo Final, Jesus diz àqueles que visitaram os doentes e os presos: «*Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a Mim que o fizestes.*» Essas palavras do Senhor ensinam-nos que «*ao cair da tarde seremos examinados no amor*» (São João da Cruz), e especialmente no amor aos nossos irmãos necessitados. É um apelo à compaixão.

Acaso essas palavras de Jesus não nos convidam também a reconhecer os seus traços, a sua presença em todos os que sofrem? Chamam-nos a recorrer a todas as nossas forças para aliviar esse sofrimento, mas também a dirigir sobre ele um olhar de esperança. Em toda a dor há um germe de vida e de ressurreição, porque o próprio Jesus está nela.

Se, diante de uma pessoa que sofre, estivermos convencidos de que é Jesus quem sofre nela, que, segundo as palavras de São Paulo, completa nela aquilo que falta à sua Paixão, como poderemos desesperar diante desse sofrimento? Acaso Cristo não ressuscitou? Não é redentora a sua Paixão? «*Não vos entristeçais como os outros, que não têm esperança*» (1 Tes 4, 13).

## 11. OS DEFEITOS E AS DEFICIÊNCIAS DOS OUTROS

Já aludi à inquietação diante de qualquer mal que ameace ou atente contra a nossa pessoa ou contra o nosso próximo como o motivo mais frequente da perda da paz interior.

A resposta é o abandono nas mãos de Deus, que nos livra de todo o mal ou que, se o permite, nos dá a força para o suportar e transformá-lo em benefício nosso.

Esta resposta continua válida para todas as outras causas que nos fazem perder a paz, pelas quais nos iremos interessar agora e que são casos particulares. No entanto, convém falar delas, pois, se a única lei é o

abandono, a sua prática toma formas diferentes segundo a origem dos nossos problemas e das nossas preocupações.

Costuma acontecer que percamos a paz não porque um sofrimento nos afecte ou ameace pessoalmente, mas antes por causa do comportamento, que nos aflige e preocupa, de uma pessoa ou de um grupo de pessoas. Nesse caso, aquilo que está ameaçado não é directamente o nosso bem — no qual, aliás, estamos interessados —, mas o bem da nossa comunidade, da Igreja ou a salvação de uma determinada pessoa.

Uma mulher pode sentir-se preocupada porque não vê realizar-se a desejada conversão do seu esposo. O superior de uma comunidade pode perder a paz ao ver que um dos frades ou das religiosas faz o contrário daquilo que se espera deles. Ou, mais simplesmente, irrita-nos que um familiar não se comporte na vida quotidiana como pensamos que deveria comportar-se. Quanto nervosismo provoca este tipo de situações!

A resposta é a mesma da anterior: a confiança e o abandono. Devo fazer tudo o que me ocorrer para ajudar os outros a melhorar, serena e tranquilamente, e deixar o resto nas mãos do Senhor, que saberá tirar proveito de tudo.

A propósito disto, gostaríamos de enunciar um princípio geral, muito importante para a vida espiritual e para a vida quotidiana, e que é o ponto em que habitualmente tropeçamos quando se trata dos casos anteriormente citados. Aliás, o seu campo de aplicação é muito mais vasto do que o tema da paciência com os defeitos do próximo.

Este princípio é o seguinte: devemos velar não apenas por desejar unicamente coisas boas em si mesmas, mas também por querê-las de um modo bom. Estar atentos não só *àquilo* que queremos, mas também *à maneira* como o queremos. Com efeito, pecamos frequentemente deste modo: desejamos uma coisa que é boa, até muito boa, *mas desejamo-la de uma maneira que é má*. Para o fazer compreender melhor, voltemos a um dos exemplos anteriores: é normal que um superior de uma comunidade vele pela santidade daqueles que lhe foram confiados; é uma coisa excelente, conforme à vontade de Deus. No entanto, se esse superior se zanga, se irrita e perde a paz diante das imperfeições ou do pouco fervor

dos seus irmãos, certamente o Espírito Santo não o está a inspirar. E muitas vezes mostramos esta tendência: como a coisa que desejamos é boa, até realmente querida por Deus, julgamo-nos justificados para a desejar de tal modo que, se não se realiza, nos impacientamos e desgostamos. Quanto mais boa nos parece uma coisa, mais nos inquietamos e preocupamos para a obter!

Como já disse, devemos, pois, não apenas verificar que as coisas que desejamos são boas em si mesmas, mas também que é bom o nosso modo de as querer e boas as disposições do nosso coração. Isto é, o nosso querer deve permanecer sereno, pacífico, paciente, desprendido, abandonado em Deus. Não deve ser um querer impaciente, demasiado precipitado, inquieto, irritável, etc. Na vida espiritual acontece frequentemente que a nossa atitude é defeituosa: certamente não somos daqueles que querem coisas más, contrárias a Deus; desejamos coisas boas, em conformidade com a vontade de Deus, mas ainda as queremos de um modo que não é «*o modo de Deus*», isto é, o do Espírito Santo, que é doce, pacífico e paciente, mas à maneira humana: tensa, precipitada e frustrada se não alcança imediatamente aquilo para que tende.

Todos os santos insistem em dizer-nos que devemos moderar os nossos desejos, mesmo os melhores, pois, se desejamos segundo o modo humano que descrevemos, a alma perturba-se, inquieta-se, perde a paz e dificulta a acção de Deus nela e no próximo.

Isso aplica-se a tudo, até à nossa própria santificação. Quantas vezes perdemos a paz porque nos parece que a nossa santificação não avança suficientemente depressa, que ainda temos muitos defeitos! E isso não faz mais do que atrasar as coisas. São Francisco de Sales chega mesmo a dizer que «*nada atrasa tanto o progresso numa virtude como o desejo de a adquirir com demasiado apressamento*». Voltaremos mais adiante a este assunto.

Para terminar, recordemos o seguinte: a prova de que estamos na verdade, de que desejamos segundo o Espírito Santo, não é apenas que a coisa desejada seja boa, mas também que conservemos a paz. Um desejo que faz perder a paz, mesmo que a coisa desejada seja excelente em si mesma, não vem de Deus. É preciso desejar e aspirar, mas de um modo

livre e desprendido, abandonando em Deus a realização desses desejos como Ele quiser e quando quiser. É de grande importância educar o coração neste sentido para progredir espiritualmente. É Deus quem faz crescer e quem converte, não a nossa agitação, a nossa precipitação ou a nossa inquietação.

## 12. PACIÊNCIA COM O PRÓXIMO

Apliquemos, pois, tudo o que foi dito ao desejo que temos de que aqueles que nos rodeiam melhorem a sua conduta, um desejo que deve ser sereno e sem inquietações; saibamos permanecer tranquilos, mesmo quando eles actuam de um modo que consideramos errado ou injusto. Façamos, evidentemente, tudo o que dependa de nós para os ajudar, isto é, repreendê-los ou corrigi-los em função das eventuais responsabilidades que tenhamos de assumir em relação a eles, mas façamo-lo sempre num ambiente de carinho e de paz. E, quando formos incapazes, permaneçamos tranquilos e deixemos Deus actuar.

Quantas pessoas perdem a paz ao querer mudar a todo o custo aqueles que as rodeiam! Quantas pessoas casadas se perturbam e irritam porque gostariam que o seu cônjuge não tivesse este defeito ou aquele outro! Pelo contrário, o Senhor pede-nos que suportemos com paciência os defeitos do próximo.

Temos de raciocinar assim: se o Senhor ainda não transformou essa pessoa, não eliminou dela tal ou tal imperfeição, é porque a suporta tal como ela é! Espera com paciência o momento oportuno, e eu devo agir como Ele. Tenho de rezar e esperar pacientemente. Porque hei-de ser mais exigente e mais precipitado do que Deus? Por vezes penso que a minha pressa é motivada pelo amor, mas Deus ama infinitamente mais do que eu, e, no entanto, mostra-se menos impaciente! *«Irmãos, tende paciência até à vinda do Senhor. Vede como o agricultor espera o precioso fruto da terra, aguardando-o pacientemente, até receber as chuvas temporãs e serôdias»* (Tg 5, 7).

Esta paciência é tanto mais importante quanto opera em nós uma purificação indispensável. Embora pensemos desejar o bem dos outros ou o nosso próprio bem, esse desejo costuma estar misturado com uma busca de

nós mesmos, da nossa própria vontade, do apego aos nossos critérios pessoais estreitos e limitados, aos quais nos agarramos e que queremos impor aos outros e, por vezes, até a Deus. Devemos libertar-nos a todo o custo dessa estreiteza de coração e de juízo, a fim de que não se realize o bem que imaginamos, mas aquele que corresponde aos desígnios divinos, infinitamente mais amplos e mais belos.

### 13. PACIÊNCIA COM AS NOSSAS PRÓPRIAS FALTAS E IMPERFEIÇÕES

A pessoa que percorreu já um certo caminho na vida espiritual, que deseja realmente amar o Senhor com todo o seu coração e que aprendeu a confiar n'Ele e a abandonar-se nas suas mãos no meio das dificuldades, costuma correr o risco de perder a paz e a tranquilidade da alma numa circunstância que o demónio aproveita frequentemente para a desanimar e desconcertar.

Neste caso, trata-se da visão da sua miséria, da experiência das suas próprias faltas e, apesar da sua boa vontade, das quedas num campo ou noutro.

Também neste caso é importante compreender que a tristeza, a inquietação e o desânimo que sentimos na alma depois de uma falta não são bons e que, portanto, devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para permanecer em paz.

Existe um princípio fundamental que deve guiar-nos quando experimentamos diariamente as nossas misérias e as nossas quedas: não se trata tanto de fazer esforços sobre-humanos para eliminar totalmente os nossos defeitos e pecados (algo que, em qualquer caso, está fora do nosso alcance!), mas de recuperar o mais depressa possível a paz, evitando a tristeza e o desalento quando caímos numa falta ou quando nos sentimos afectados pela experiência das nossas imperfeições.

Isto não significa negligência nem resignação diante da nossa mediocridade; pelo contrário, é o meio de nos santificarmos mais rapidamente. E numerosas razões o demonstram.

A primeira é o princípio fundamental a que já aludimos várias vezes: Deus actua na alma em paz. Não conseguiremos libertar-nos do pecado pelas nossas próprias forças; isso só a graça de Deus o conseguirá. Em vez de nos revoltarmos contra nós mesmos, será mais eficaz permanecermos em paz para deixar Deus actuar.

A segunda razão é que isso agrada mais ao Senhor. O que é que mais Lhe agrada? Que, depois de uma queda, desanimemos e nos atormentemos, ou que reajamos dizendo: *«Senhor, peço-Te perdão, pequei outra vez; olha aquilo de que sou capaz por mim mesmo! Mas abandono-me confiadamente na tua misericórdia e no teu perdão e dou-Te graças por não me teres permitido pecar ainda mais gravemente. Abandono-me em Ti com confiança, porque sei que, um dia, me curarás finalmente. Entretanto, peço-Te que a experiência da minha miséria me torne mais humilde, mais dócil com os outros, mais consciente de que nada posso por mim mesmo, mas que tudo tenho de esperar somente do teu amor e da tua misericórdia.»* A resposta é clara.

A terceira razão é que a angústia, a tristeza e o desalento que sentimos depois das nossas faltas e fracassos raramente são puros e não costumam dever-se apenas à simples dor de termos ofendido Deus: mistura-se nisso uma boa parte de orgulho. Sentimo-nos tristes e desanimados, não tanto por termos ofendido Deus, mas porque a imagem ideal que tínhamos de nós mesmos foi brutalmente destruída. Frequentemente, a nossa dor é a do orgulho ferido! Esta dor excessiva é precisamente a prova de que confiávamos em nós mesmos e nas nossas forças, e não em Deus. Escutemos Lorenzo Scupoli, já anteriormente citado:

«Um homem presunçoso julga-se seguro de desconfiar de si mesmo e de confiar em Deus (que são os fundamentos da vida espiritual e que, portanto, devemos esforçar-nos por adquirir), mas está a cometer um erro que só perceberá quando ocorrer alguma queda. Então, se se perturba, se se aflige, se perde a esperança de fazer novos progressos na virtude, demonstra que não colocou toda a sua confiança em Deus, mas em si mesmo; e quanto maiores forem a tristeza e o desespero, mais culpado se considera.

Quando aquele que desconfia de si mesmo e confia totalmente em Deus comete alguma falta, não se espanta, não se desgosta nem se inquieta,

porque compreende perfeitamente que isso é o resultado da sua fragilidade e do pouco cuidado que teve em depositar a sua confiança em Deus. Essa queda, pelo contrário, ensina-o a desconfiar ainda mais das suas próprias forças e a confiar cada vez mais na ajuda do Único que tem poder; detesta o seu pecado acima de tudo; condena a paixão ou o hábito pernicioso que foi a sua causa; sente uma viva dor por ter ofendido Deus, mas essa dor, sempre serena, não o impede de voltar às suas ocupações anteriores, de suportar as provações habituais e de perseguir até à morte os seus cruéis inimigos...

Existe, além disso, a ilusão, muito comum, de atribuir a um sentimento de virtude o temor e a perturbação que se sente depois do pecado. Embora a inquietação que se segue ao pecado venha sempre acompanhada de certa dor, procede, no entanto, de um fundo de orgulho, de uma secreta presunção causada por uma excessiva confiança nas próprias forças. Assim, quando a pessoa que se julga estabelecida na virtude e despreza as tentações chega a reconhecer — pela triste experiência das suas quedas — que é tão frágil e pecadora como as demais, espanta-se perante um facto que não deveria ter acontecido e, privada do fraco apoio em que confiava, deixa-se invadir pelo desgosto e pelo desespero.

Esta desgraça nunca sucede no caso dos humildes, que não presumem de si mesmos e se apoiam somente em Deus, porque, quando caem, nem se surpreendem nem se perturbam, pois a luz da verdade que os ilumina faz-lhes ver que a sua queda é um efeito natural da sua fraqueza e da sua inconstância» (*Combate espiritual*, cap. 4 e 5).

#### 14. DEUS PODE TIRAR BEM ATÉ DAS NOSSAS FALTAS

A quarta razão pela qual esta tristeza e este desalento não são bons reside no facto de não devermos encarar tragicamente as nossas próprias faltas, pois Deus é capaz de tirar delas um bem. Santa Teresa de Lisieux apreciava muito esta frase de São João da Cruz: «*O Amor sabe tirar proveito de tudo, do bem como do mal que encontra em mim, e transformar n'Ele todas as coisas.*»

A nossa confiança em Deus deve chegar até aí: até acreditar que Ele é suficientemente bom e poderoso para tirar proveito de tudo, incluindo das

nossas faltas e infidelidades.

Quando Santo Agostinho cita a frase de São Paulo: *«Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus»*, acrescenta: *«Etiam peccata»*: até o pecado!

Evidentemente, devemos lutar energeticamente contra o pecado e combater para corrigir as nossas imperfeições. Deus vomita os tíbios, e nada arrefece tanto o amor como a resignação diante de uma certa mediocridade, resignação essa que é, além disso, uma falta de confiança em Deus e na sua capacidade de nos santificar. Quando somos causadores de algum mal, devemos também procurar repará-lo na medida do possível, mas não devemos sentir-nos excessivamente desolados pelas nossas faltas, pois, quando voltamos para Ele com um coração arrependido, Deus é capaz de fazer surgir delas um bem. Essa atitude fará crescer em nós a humildade e ensinar-nos-á a colocar um pouco menos de confiança nas nossas próprias forças e um pouco mais somente n'Ele.

Grande é a misericórdia do Senhor, que utiliza as nossas faltas em nosso benefício! Ruysbroek, um místico flamengo da Idade Média, diz o seguinte: *«Na sua clemência, o Senhor quis voltar os nossos pecados contra eles mesmos e a nosso favor; encontrou o meio de fazer com que nos sejam úteis, de os transformar em instrumentos de salvação nas nossas mãos. Que isso não diminua o nosso temor de pecar, nem a nossa dor por termos pecado. Mas os nossos pecados tornaram-se, para nós, uma fonte de humildade.»*

Acrescentemos que também podem tornar-se uma fonte de ternura e de misericórdia para com o próximo. Eu, que caio tão facilmente, poderei permitir-me julgar o meu irmão? Como não ser misericordioso com ele, assim como o Senhor o foi comigo?

Portanto, depois de uma falta, qualquer que ela seja, em vez de permanecermos afundados no desalento e a remoer sobre ela, devemos voltar-nos imediatamente e com confiança para Deus e até agradecer-Lhe o bem que, na sua misericórdia, tirará dessa falta!

Devemos saber que uma das armas que o demônio costuma usar para impedir o caminho das almas para Deus consiste precisamente em fazê-las perder a paz e levá-las ao desalento diante das suas faltas.

Precisamos de saber distinguir o arrependimento autêntico, o verdadeiro desejo de nos corrigirmos — que é sempre tranquilo, pacífico e confiante —, do falso arrependimento, desses remorsos que nos perturbam, nos desanimam e nos paralisam. Nem todas as censuras que procedem da nossa consciência são inspiradas pelo Espírito Santo! Algumas provêm do nosso orgulho ou do demônio, e temos de aprender a discerni-las. E a paz é um critério essencial no discernimento dos espíritos. Os sentimentos inspirados pelo Espírito de Deus podem ser fortes e profundos, mas nem por isso deixam de ser serenos. Ouçamos novamente Scupoli:

«Para conservar o coração numa perfeita serenidade, é necessário também desprezar certos remorsos interiores que parecem vir de Deus, porque são censuras que a nossa consciência nos faz acerca de faltas reais, mas que procedem do espírito maligno, como se pode verificar pelas consequências. Se os remorsos de consciência servem para nos humilhar, se nos tornam mais fervorosos na prática das boas obras e se não diminuem de modo algum a nossa confiança na misericórdia divina, devemos recebê-los com acções de graças e como favores do Céu. Mas se nos causam angústia, se fazem desfalecer o nosso ânimo e se nos tornam preguiçosos, tímidos ou lentos no cumprimento dos nossos deveres, devemos acreditar que são sugestões do inimigo e *devemos continuar a fazer as coisas do modo habitual, sem nos dignarmos escutá-las*» (*Combate espiritual*, cap. 25).

Compreendamos isto: para a pessoa de boa vontade, a gravidade do pecado não reside tanto na falta em si, mas no abatimento que ela provoca. Aquele que cai, mas se levanta imediatamente, não perdeu grande coisa; pelo contrário, ganhou em humildade e na experiência da misericórdia divina. Perde mais aquele que permanece triste e abatido. A prova do progresso espiritual não é tanto a de não cair, mas a de ser capaz de se levantar rapidamente das quedas.

## 15. O QUE FAZER QUANDO PECAMOS?

De tudo o que acabámos de dizer deduz-se uma regra de conduta muito importante para nós quando caímos em alguma falta. Certamente devemos sentir dor por termos pecado, pedir perdão a Deus e suplicar-Lhe humildemente que nos conceda a graça de não O ofender assim, e formar o propósito de nos confessarmos no momento oportuno. Tudo isso sem nos entristecermos nem desanimarmos, recuperando a paz o mais depressa possível graças às considerações anteriormente expostas, e retomando a nossa vida espiritual normal como se nada tivesse acontecido. Quanto mais depressa recuperarmos a paz interior, tanto melhor será! Avançaremos assim muito mais do que impacientando-nos connosco mesmos!

Vejamos o seguinte exemplo, muito importante: sob a confusão que nos invade ao cair em alguma falta, geralmente sentimos a tentação de relaxar na nossa vida de piedade, de abandonar, por exemplo, o nosso tempo habitual de oração pessoal. E encontramos boas desculpas: *«Como eu, que acabo de cair no pecado, que acabo de ofender o Senhor, me vou apresentar diante d'Ele neste estado?»* E por vezes passam vários dias até recuperarmos os nossos hábitos de oração. Mas isso é um grande erro: não passa de falsa humildade inspirada pelo demónio. É indispensável não alterar os nossos hábitos de oração, muito pelo contrário. Onde encontraremos a cura das nossas faltas senão junto de Jesus? Os nossos pecados são um mau pretexto para nos afastarmos d'Ele, pois quanto mais pecadores somos, mais necessitamos de nos aproximar d'Aquele que diz: *«Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes... Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores»* (Mt 9, 12-13).

Se esperarmos ser justos para levar uma vida de oração habitual, podemos esperar muito tempo. E, pelo contrário, ao aceitarmos apresentar-nos diante do Senhor na nossa condição de pecadores, receberemos a cura e pouco a pouco transformar-nos-emos em santos.

Devemos abandonar uma ilusão muito importante: gostaríamos de nos apresentar diante do Senhor apenas quando estamos limpos, bem penteados e satisfeitos connosco mesmos! Mas nesta atitude há muita presunção. No fundo, gostaríamos de não precisar da sua misericórdia. Contudo, que espécie de natureza é essa pseudo-santidade a que aspiramos, por vezes inconscientemente, e que nos faria prescindir de Deus? Pelo contrário, a

verdadeira santidade consiste em reconhecer sempre que dependemos exclusivamente da sua misericórdia.

Para terminar, citaremos uma última passagem do *Combate espiritual*, que retoma tudo o que foi dito e que nos indica a linha de conduta que devemos seguir quando caímos em alguma falta; intitula-se: «O que devemos fazer quando recebemos alguma ferida no Combate Espiritual»:

«Quando vos sentirdes feridos, isto é, quando vedes que cometestes alguma falta, seja por mera fragilidade, seja intencionalmente e com malícia, não deveis entristecer-vos demasiado: não vos deixeis invadir pelo desgosto nem pela inquietação, mas dirigi-vos imediatamente a Deus com humilde confiança: “Agora, ó meu Deus!, deixo ver aquilo que sou, porque que podia esperar-se de uma criatura fraca e cega como eu, senão erros e quedas?” Detende-vos um pouco neste ponto, a fim de vos recolherdes em vós mesmos e conceberdes uma viva dor pelas vossas faltas.

Depois, sem vos angustiardes, dirigi a vossa cólera contra todas as paixões que vos dominam, especialmente contra aquela que foi a causa do vosso pecado.

“Senhor, direis, teria cometido crimes ainda maiores se, com a vossa infinita bondade, não me tivésseis socorrido.”

Em seguida, dai mil graças a esse Pai das misericórdias; amai-O mais do que nunca, vendo que, longe de Se sentir agravado pela ofensa que acabais de Lhe fazer, vos estende de novo a mão perante o receio de que volteis a cair em semelhante desordem.

Por fim, cheios de confiança, dizei-Lhe: “Mostra aquilo que és, ó meu Deus!; faz sentir a tua divina misericórdia a um humilde pecador; perdoa todas as minhas ofensas; não permitas que me separe, que me afaste nem sequer um pouco de Ti. Fortalece-me com a tua graça de tal modo que jamais Te ofenda.”

Depois, não vos ponhais a pensar se Deus vos perdoou ou não: isso significa querer preocupar-vos em vão e perder tempo; e nesse procedimento há muito orgulho e ilusão diabólica que, através dessas

inquietações da alma, procura prejudicar-vos e atormentar-vos. Assim, abandonai-vos à sua misericórdia divina e continuai as vossas práticas com a mesma tranquilidade de quem não cometeu falta alguma. Mesmo que tenhais ofendido Deus várias vezes num só dia, nunca percais a confiança n'Ele. Praticai o que vos digo a segunda, a terceira e a última vez como da primeira... Esta maneira de combater é a que mais teme o demónio, porque sabe que agrada muito a Deus e porque ver-se vencido precisamente por aquele que venceu facilmente noutras contendidas lhe provoca sempre um grande desconcerto...

...Se, infelizmente, caís numa falta que vos causa angústia e desânimo, a primeira coisa que deveis fazer é procurar recuperar a paz da vossa alma e a confiança em Deus...»

Para concluir este ponto, gostaríamos de acrescentar um comentário: é verdade que é perigoso fazer o mal e que devemos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para o evitar. Mas reconheçamos que, tal como somos, o perigoso seria não fazermos mais do que o bem!

Com efeito, marcados pelo pecado original, temos uma tendência tão enraizada para a soberba que nos é difícil, e até inevitável, fazer algum bem sem nos apropriarmos dele, sem o atribuirmos ao menos em parte às nossas capacidades, aos nossos méritos e à nossa santidade! Se o Senhor não permitisse que, de vez em quando, actuássemos mal, que cometêssemos erros, correríamos um enorme perigo! Cairíamos imediatamente na vaidade, no desprezo pelo próximo, e esquecer-nos-íamos de que tudo nos vem gratuitamente de Deus.

E nada impede tanto o verdadeiro amor como esta soberba. Para nos preservar desse grande mal, o Senhor permite por vezes um mal menor, como o de cair nalgum defeito; e devemos dar-Lhe graças por isso, porque, sem essa protecção, correríamos um grande perigo de nos perdermos!

## **16. A INQUIETAÇÃO QUE NOS INVADE QUANDO TEMOS DE TOMAR DECISÕES**

A última razão que vamos estudar, e que frequentemente nos faz perder a paz, é a incerteza, o desconcerto que provoca na nossa consciência o facto de termos de tomar uma decisão que não vemos com clareza. Temos medo

de nos enganarmos e de que isso tenha consequências prejudiciais: tememos não fazer a vontade do Senhor.

As circunstâncias deste género podem ser bastante penosas, e alguns dilemas muito angustiantes. Nestas situações de incerteza ser-nos-á especialmente valiosa a atitude geral de abandono e confiança de que falámos, essa entrega de todas as coisas nas mãos de Deus que nos impedirá de «*dramatizar*» até mesmo as consequências que os nossos erros possam ter!

No entanto, gostaríamos de fazer algumas reflexões úteis para conservar a paz interior quando temos de tomar decisões.

A primeira coisa que devemos dizer (e tudo isto de acordo com o que foi exposto até agora) é que, diante de uma decisão importante, um dos defeitos que devemos evidentemente evitar é o da precipitação e do excessivo apressamento. Muitas vezes é necessária uma certa ponderação para considerar bem as coisas e deixar que o nosso coração se oriente com paz e serenidade para a solução acertada. São Vicente de Paulo tomava as decisões que se lhe apresentavam depois de maduras reflexões (e sobretudo de oração!), ao ponto de alguns dos que o rodeavam lhe censurarem a excessiva lentidão. Mas «*pelos frutos se conhece a árvore*»!

Antes de adoptar uma decisão, é preciso fazer tudo o que for necessário para ver com clareza e não decidir de modo precipitado ou arbitrário: analisar a situação e os seus diferentes aspectos; examinar os nossos motivos para decidir com um coração puro e não em função dos nossos interesses pessoais; rezar pedindo ao Espírito Santo a luz e a graça para agir de acordo com a vontade de Deus e, por fim, eventualmente pedir conselho a pessoas que nos possam esclarecer nessa decisão.

Neste sentido, devemos saber que, sobretudo na vida espiritual, qualquer pessoa se encontrará em determinadas situações em que não poderá obter luz e será incapaz de decidir em paz se não recorrer a um guia espiritual. O Senhor não deseja que sejamos auto-suficientes e, como parte da sua pedagogia, permite que por vezes nos encontremos incapazes de encontrar a luz e a paz pelos nossos próprios meios, uma luz e uma paz que só podemos receber através de outra pessoa a quem nos abrimos. Nesta

abertura do coração relacionada com dilemas ou com perguntas que nos colocamos, há uma atitude humilde e confiante que agrada muito ao Senhor e desmonta as armadilhas que, para nos confundir ou desconcertar, o inimigo nos prepara. Em determinados momentos da nossa vida não poderemos encontrar sozinhos essa preciosa paz interior de que tanto falámos: necessitaremos da ajuda de alguém a quem abrir a alma. Santo Afonso Maria de Ligório era um director espiritual excepcional, mas, no que dizia respeito à sua vida interior, costumava ser incapaz de se orientar sem a ajuda de uma pessoa em quem confiava e cujos conselhos obedecia.

Dito isto, é importante saber uma coisa: apesar das precauções (oração, reflexão, conselho...) que uma pessoa tome para obter luz antes de adoptar uma decisão e para estar segura de obedecer à vontade de Deus (é um dever tomar essas precauções, pois não temos o direito de decidir com leviandade, sobretudo em assuntos importantes), nem sempre obterá essa luz de um modo claro e evidente. Nem sempre teremos a resposta quando, diante de uma situação concreta, nos perguntarmos (e devemos fazê-lo sempre!): que devo fazer, qual é a vontade do Senhor?

Se fizermos um esforço de discernimento e de procura da vontade de Deus, o Senhor falar-nos-á por diversos caminhos e far-nos-á compreender claramente qual deve ser o nosso modo de agir. E então tomaremos a nossa decisão em paz.

No entanto, pode acontecer que o Senhor não nos responda. Isso é completamente normal! Por vezes deixa-nos simplesmente livres; outras vezes, tem as suas razões para não Se manifestar. É bom sabê-lo, porque acontece frequentemente que, por medo de se enganarem, de não fazerem a vontade de Deus, algumas pessoas procurem a todo o custo obter uma resposta: multiplicam as reflexões, as orações, abrem a Bíblia dez vezes para procurar no texto a luz desejada. E tudo isso as inquieta e angustia ainda mais e, no entanto, não conseguem ver com maior clareza: têm um texto, mas não sabem como interpretá-lo.

Se o Senhor nos deixa assim, no meio da incerteza, devemos aceitá-lo tranquilamente. Mais do que querer «forçar as coisas» e atormentar-nos inutilmente porque não encontramos uma resposta clara, devemos seguir o princípio dado por Sor Faustina:

«Quando não se sabe o que é melhor, é preciso reflectir, estudar e pedir conselho, porque não temos o direito de agir no meio da incerteza. Na incerteza (se ela continua), deve dizer-se: faça eu o que fizer, estará bem, visto que procuro fazer o bem. Aquilo que nós consideramos bom, Deus aceita-o e considera-o bom. Não nos entristecemos se, passado algum tempo, verificarmos que essas coisas não eram boas. Deus olha para a intenção com que começámos e conceder-nos-á a recompensa de acordo com essa intenção. É um princípio que devemos seguir» (*Diário*, n.º 799. Ed. Padres Marianos da Imaculada Congregação da Santíssima Virgem Maria).

Muitas vezes atormentamo-nos excessivamente a propósito das nossas decisões. Assim como existe uma falsa humildade, uma falsa compaixão, poderíamos dizer o mesmo no que diz respeito às escolhas. Por vezes existe aquilo a que poderíamos chamar uma «falsa obediência» a Deus: gostaríamos de ter sempre a plena certeza de seguir a vontade de Deus em todas as nossas escolhas e de nunca nos enganarmos, mas nesta atitude há algo que não é correcto. Por diversas razões:

Por um lado, esse desejo de saber o que Deus quer esconde por vezes a nossa dificuldade em suportar uma situação de incerteza: gostaríamos de ficar dispensados de ter de decidir por nós mesmos. No entanto, a vontade do Senhor costuma ser que saibamos decidir, mesmo sem termos absoluta certeza de que essa decisão é a melhor. Com efeito, nesta capacidade de decidir no meio da incerteza, fazendo aquilo que julgamos melhor e sem passar horas a pensar nisso, existe uma atitude de confiança e abandono: «Senhor, reflecti e rezei para conhecer a tua vontade; não a vejo muito claramente, mas não me inquieto e não vou passar horas a pensar nisso: decido tal coisa porque, bem ponderado, me parece o melhor que posso fazer. E deixo tudo nas tuas mãos. Sei muito bem que, mesmo que me engane, Tu não Te zangarás comigo, porque actuei com recta intenção; e, se me enganar, sei que saberás tirar um bem desse meu erro. Será para mim uma fonte de humildade, e daí retirarei algum ensinamento!» E fico tranquilo...

Por outro lado, gostaríamos de ser infalíveis, de nunca nos enganarmos, mas nesse desejo há muito orgulho, além do medo de sermos julgados pelos

outros. Pelo contrário, aquele que aceita serenamente os seus frequentes erros, bem como o facto de os outros os perceberem, manifesta uma autêntica humildade e um verdadeiro amor de Deus.

Não tenhamos, também, uma falsa ideia daquilo que Deus exige de nós: Deus é um Pai bom e compassivo que conhece as enfermidades dos seus filhos e a limitação dos nossos juízos. Pede-nos boa vontade, recta intenção, mas de modo algum exige que sejamos infalíveis nem que as nossas decisões sejam perfeitas! Além disso, se todas as nossas decisões fossem perfeitas, isso causar-nos-ia muito mais mal do que bem! Rapidamente nos consideraríamos um super-homem.

Para terminar, o Senhor ama mais aquele que sabe decidir sem se atormentar demasiado, mesmo sentindo-se inseguro, e que se abandona confiadamente n'Ele com todas as consequências, do que aquele que se tortura indefinidamente para saber o que Deus espera dele e nunca chega a decidir-se. Porque na primeira atitude há mais abandono, mais confiança e, portanto, mais amor do que na segunda. Deus ama aqueles que caminham com liberdade de espírito e não se detêm demasiado em detalhes insignificantes. O perfeccionismo tem muito pouco a ver com a santidade...

É importante também saber distinguir o caso em que é necessário tomarmos tempo para discernir e decidir, por exemplo, quando essas decisões afectam o conjunto da nossa vida, e, pelo contrário, o caso em que seria absurdo e contrário à vontade de Deus demorarmo-nos demasiado e tomarmos excessivas precauções antes de decidir, quando não existe grande diferença entre uma opção e outra. Como diz São Francisco de Sales, *«se é normal pesar cuidadosamente os lingotes de ouro, quando se trata de moedas pequenas limitamo-nos a fazer um cálculo rápido»*. Sempre procurando inquietar-nos, o demónio faz-nos perguntar, diante da menor decisão, se, agindo de um modo ou de outro, obedecemos à vontade do Senhor, e suscita em nós inquietação, escrúpulos e remorsos de consciência por algo que realmente não vale a pena.

Devemos ter o desejo profundo e constante de obedecer a Deus. Mas esse desejo será fruto do Espírito Santo se vier acompanhado de paz, de liberdade interior, de confiança e de abandono, e não quando se transforma

numa espécie de angústia que paralisa a consciência e impede tomar uma decisão livre.

É verdade que o Senhor pode permitir que atravessemos momentos em que o desejo de Lhe obedecer nos cause um autêntico tormento. Existem também pessoas escrupulosas por temperamento: trata-se de uma provação extremamente dolorosa da qual o Senhor nem sempre liberta totalmente nesta vida.

Habitualmente, porém, devemos esforçar-nos por caminhar assim, no meio da liberdade interior e da paz. E saber, como acabámos de dizer, que o demónio procura insistentemente inquietar-nos: é astuto e, para nos perturbar, utiliza o desejo que temos de cumprir a vontade de Deus. Não devemos «*deixar-nos enganar*». Quando uma pessoa está afastada de Deus, o Adversário tenta-a, atrai-a para o mal. Mas, se essa pessoa está próxima de Deus, ama-O e nada deseja mais do que agradar-Lhe e obedecer-Lhe, embora o demónio a tente por meio do mal (e como é fácil detectá-lo!), tenta-a ainda mais por meio do bem. Isso significa que se serve do nosso desejo de agir bem para nos angustiar, para nos fazer perder a paz e desanimar, suscitando escrúpulos; apresenta-nos o bem que devemos realizar fazendo-nos vê-lo como algo superior às nossas forças actuais, ou como algo que não é aquilo que Deus nos pede. Quer persuadir-nos de que não fazemos o suficiente, de que aquilo que fazemos não o fazemos verdadeiramente por amor de Deus, de que o Senhor não está satisfeito connosco, etc. Por exemplo, fará com que acreditemos que o Senhor nos pede determinado sacrifício de que somos incapazes, e isso perturbar-nos-á extraordinariamente; inspira-nos toda a espécie de preocupações e de escrúpulos de consciência que, pura e simplesmente, devemos ignorar, lançando-nos nos braços de Deus como crianças pequenas. Quando, por razões semelhantes às citadas, perdemos a paz, digamos claramente a nós mesmos que o demónio deve estar a enredar-nos, e procuremos recuperar a calma; e, se não o conseguirmos sozinhos, abramos o coração a uma pessoa de vida interior. Geralmente, o simples facto de desabafarmos com alguém bastará para fazer desaparecer totalmente a angústia e devolver-nos a paz.

A propósito deste espírito de liberdade que deve inspirar todas as nossas acções e decisões, terminemos escutando São Francisco de Sales:

«Tende o coração aberto e sempre colocado na Divina Providência, tanto nas coisas grandes como nas pequenas, e procurai cada vez mais que o espírito de calma e de tranquilidade inunde o vosso coração.» (A Mme. de la Flechère, 13 de Maio de 1609).

«Já vos disse frequentemente que não é necessário ser demasiado minucioso no exercício das virtudes, mas que é preciso caminhar para elas prontamente, francamente, ingenuamente, à boa maneira de Deus, com liberdade, com boa-fé, grosso modo. Eu temo as almas raquíticas e sombrias. Desejo que, no caminho para Nosso Senhor, manifesteis um coração grande e generoso.» (A Mme. de Chantal, 1 de Novembro de 1604).

### 17. O CAMINHO REAL DO AMOR

Em definitivo, porque é que este modo de avançar, baseado na paz, na liberdade, no abandono confiante em Deus, na aceitação serena das nossas enfermidades e até das nossas quedas, é o caminho aconselhável? Porque é mais acertado do que a busca da vontade de Deus levada a cabo no meio da preocupação, dos escrúpulos, de um desejo tenso e inquieto de perfeição?

Porque a *única perfeição verdadeira é a do amor*, e há mais amor de Deus no primeiro modo de proceder do que no segundo. Sor Faustina dizia: «Quando não sei o que fazer, pergunto ao amor, é o melhor conselheiro!» O Senhor chama-nos à perfeição: «Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito!» Mas, segundo o Evangelho, não é mais perfeito aquele que se comporta de modo irrepreensível, mas aquele que ama mais.

A conduta mais perfeita não é a daquele que corresponde à imagem que por vezes fazemos da perfeição como sendo um comportamento impecável, infalível e sem mancha: é a daquele que tem mais amor desinteressado de Deus e menos procura orgulhosa de si mesmo. Aquele que aceita ser fraco, pequeno, cair frequentemente, não ser nada aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros, sem se preocupar excessivamente com isso, porque é animado por uma grande confiança em Deus e sabe que o seu amor é infinitamente mais importante e pesa muito mais do que as suas próprias faltas e imperfeições, esse ama mais do que aquele cujo afã pela própria perfeição o leva ao desassossego.

«*Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus*»: bem-aventurados os que, iluminados pelo Espírito Santo, aprenderam a não fazer um drama da sua pobreza, mas a aceitá-la alegremente porque não colocam a sua esperança em si mesmos, mas em Deus. Deus será a sua riqueza, a sua perfeição, a sua santidade, os seus desejos... Bem-aventurados os que sabem amar a sua pobreza, porque dão a Deus uma ocasião maravilhosa para manifestar a imensidão do seu Amor e da sua Misericórdia. Alcançaremos a santidade no dia em que a nossa impotência e o nosso nada não forem para nós motivo de tristeza e de inquietação, mas motivo de paz e de alegria.

Este caminho da pobreza, que é também o caminho do amor, é o mais eficaz para nos fazer crescer, para irmos adquirindo progressivamente todas as virtudes e para nos purificarmos das nossas faltas. Só o amor é fonte de crescimento; só ele é fecundo; só o amor purifica profundamente do pecado. «O fogo do amor purifica mais do que o fogo do purgatório» (Teresa de Lisieux). Este caminho baseado na aceitação jubilosa da própria pobreza não é de modo algum uma resignação diante da mediocridade nem uma abdicação das nossas aspirações à perfeição; é a via mais rápida e mais segura que nos conduz a ela, porque nos coloca em disposições de pequenez, confiança e abandono pelas quais nos pomos plenamente nas mãos de Deus, cuja graça pode então agir, conduzindo-nos, por pura misericórdia, a essa perfeição que em caso algum poderíamos alcançar pelas nossas próprias forças.

#### 18. ALGUNS CONSELHOS A MODO DE CONCLUSÃO

Procuremos, pois, pôr em prática tudo o que foi dito, com paciência e perseverança e, sobretudo, sem desanimarmos se não o conseguirmos plenamente! Se me é permitido usar esta fórmula algo paradoxal, sobretudo não devemos perder a paz porque nem sempre conseguimos permanecer na paz tanto quanto gostaríamos! A nossa reeducação é lenta, e precisamos de muita paciência connosco mesmos.

Assim, princípio fundamental: «*Nunca desanimarei!*» É novamente uma frase de Santa Teresinha, que é o modelo acabado do espírito que procurámos descrever nestas páginas. E recordemos também uma frase da grande Santa Teresa de Jesus: «A paciência tudo alcança.»

Outro princípio prático é o seguinte: se não sou capaz de fazer coisas grandes, não desanimo, porque faço as pequenas! Por vezes, incapazes de fazer coisas grandes, de realizar actos heróicos, desprezamos as pequenas coisas que estão ao nosso alcance e que, no entanto, são extraordinariamente fecundas para o progresso espiritual e fonte de uma grande alegria: *«Servo bom e fiel; foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito: entra na alegria do teu Senhor»* (Mt 25, 21). Se o Senhor nos encontrar fiéis, perseverando nos nossos pequenos esforços para pôr em prática aquilo que espera de nós, Ele próprio intervirá e colocar-nos-á num lugar mais elevado. Consequência: não sou capaz de conservar a paz em circunstâncias difíceis? Pois bem, começarei por conservá-la nas situações mais simples de todos os dias; realizarei as minhas tarefas quotidianas sem nervosismo e com serenidade, esforçando-me por fazer bem cada coisa no momento presente, sem me preocupar com a seguinte; falarei com aqueles que me rodeiam num tom doce e tranquilo e evitarei a precipitação nos meus gestos, até mesmo na minha maneira de subir as escadas! Os primeiros degraus da escada da santidade podem muito bem ser os do meu apartamento! A alma reeduca-se frequentemente por meio do corpo! As pequenas coisas, feitas por amor e para agradar a Deus, são extremamente proveitosas para nos fazer crescer: esse é um dos segredos da santidade de Santa Teresinha de Lisieux.

E se perseverarmos assim na oração e nesses pequenos gestos da nossa colaboração com a graça, poderemos viver as palavras de São Paulo:

*«Não vos inquieteis com coisa alguma, mas apresentai em toda a oração e súplica ao Senhor os vossos pedidos, acompanhados de acção de graças. E a paz de Deus, que supera toda a inteligência, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus»* (Flp 4, 6-7).

E nada poderá arrebatá-nos essa paz.

### III. O QUE NOS DIZEM OS SANTOS

JUAN DE BONILLA

Franciscano espanhol do século XVI, autor de um esplêndido Tratado sobre a paz da alma.

#### 1. A PAZ, CAMINHO PARA A PERFEIÇÃO

A experiência mostrar-vos-á que a paz, que inundará a vossa alma com a caridade, o amor a Deus e ao próximo, é o caminho recto para a vida eterna.

Tende cuidado em não deixar que o vosso coração se perturbe, se entristeça, se agite ou se deixe envolver por aquilo que poderia causar-lhe inquietação. Trabalhai sempre por mantê-lo tranquilo, pois o Senhor diz: «*Bem-aventurados os pacíficos.*» Fazei-o, e o Senhor edificará na vossa alma a cidade da paz e fará de vós a Mansão das delícias. O que deseja da vossa parte é apenas que, sempre que vos perturbardes, recupereis a vossa calma, a vossa paz em vós mesmos, nas vossas obras, nos vossos pensamentos e nos vossos movimentos, sem excepção.

Do mesmo modo que uma cidade não se constrói num só dia, não penseis alcançar num só dia essa paz, esse sossego interior, pois trata-se de edificar uma morada para Deus e de vos tornardes o seu templo. E aquele que tem de construir é o próprio Deus: sem Ele, o vosso trabalho seria inexistente.

Considerai, além disso, que este edifício tem como fundamento a humildade.

#### 2. TER A ALMA LIVRE E DESPRENDIDA

Que a vossa vontade esteja sempre preparada para qualquer eventualidade. E que o vosso coração não se escravize a coisa alguma. Quando experimentardes algum desejo, fazei-o de tal modo que não sofraís em caso de fracasso, mas mantende o espírito tão tranquilo como se não tivésseis desejado coisa alguma. A verdadeira liberdade consiste em não se

apegar a nada. Desprendidos deste modo, Deus procura a vossa alma para nela realizar coisas grandiosas<sup>[2]</sup>.

**SÃO FRANCISCO DE SALES  
(1567-1622)**

**1. DEUS É O DEUS DA PAZ**

Como o amor só habita na paz, procurai conservar a santa tranquilidade do coração que vos recomendo com tanta frequência.

Todos os pensamentos que nos causam inquietação e agitação da alma não vêm de Deus, que é o Príncipe da Paz. São tentações do inimigo e, conseqüentemente, devemos rejeitá-los e não lhes dar atenção.

Acima de tudo, é preciso viver pacificamente. Mesmo que nos sobrevenha a dor, interior ou exterior, devemos recebê-la pacificamente. Se nos chega a alegria, é preciso recebê-la pacificamente, sem estremecermos de júbilo. É preciso fugir do mal? Devemos fazê-lo pacificamente, sem inquietação, porque, de outro modo, ao fugir poderíamos cair e proporcionar ao inimigo o prazer de nos matar. É preciso fazer o bem? Devemos fazê-lo pacificamente, pois, afadigando-nos excessivamente, cometeríamos numerosas faltas. É preciso viver pacificamente até a própria mortificação (Carta à Abadessa do Puy d'Orbe).

**2. COMO CONSEGUIR A PAZ**

Façamos três coisas, minha muito querida filha, e conseguiremos a paz: tenhamos a intenção completa e pura de procurar em todas as coisas a honra de Deus e a sua glória; façamos o pouco que pudermos com este objectivo, seguindo os conselhos do nosso pai espiritual; e deixemos que Deus Se encarregue do resto. Porque se angustia aquele que tem Deus como objecto das suas intenções e faz o que pode? Que tem ele a temer? Não, não; Deus não é tão severo com aqueles que ama; contenta-Se com pouco, porque sabe muito bem que não temos muito. Sabei, querida filha, que, na Sagrada Escritura, o Senhor recebe o nome de Príncipe da Paz e que, portanto, onde Ele é o senhor absoluto reina a paz. No entanto, é verdade que, antes de estabelecer a paz num lugar, é preciso combater, separar o coração e a alma dos affectos mais queridos, familiares e habituais, isto é, o amor

desordenado de si mesmo, a confiança em si mesmo, a complacência em si mesmo e afectos semelhantes.

Ora, quando o Senhor nos separa dessas paixões tão amáveis e queridas, parece que nos despedaça o coração, e surgem sentimentos de amargura; a alma debate-se até quase não poder mais, pois tal separação é dolorosa. Mas toda essa luta da alma é pacífica, porque, em definitivo, embora esmagados por essa aflição, não deixamos por isso de depositar a nossa vontade resignada na de Nosso Senhor e de a manter ali, cravada nesse divino desejo, sem abandonar as nossas obrigações e o seu cumprimento, mas realizando-as corajosamente. (Carta à Abadessa do Puy d'Orbe).

### **3. PAZ E HUMILDADE**

A paz nasce da humildade.

Nada nos perturba tanto como o amor-próprio e a estima que temos de nós mesmos. Que significa, senão, o facto de nos surpreendermos, nos sentirmos confundidos e impacientes quando caímos em alguma imperfeição ou em algum pecado? Indubitavelmente, acreditávamos ser bons, firmes e sólidos; e, conseqüentemente, quando verificamos que nada disso existe e que fomos parar ao chão, sentimo-nos enganados e, por isso, perturbados, ofendidos e inquietos. Se soubéssemos bem quem somos, em vez de nos surpreendermos ao ver-nos por terra, surpreender-nos-íamos de conseguir permanecer de pé.

### **4. TUDO CONCORRE PARA O BEM DAQUELES QUE AMAM A DEUS**

Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus. E, na verdade, se Deus pode e sabe tirar o bem do mal, para quem o faria, senão para aqueles que se entregaram a Ele sem reservas? Sim, até os pecados, dos quais Deus na sua bondade nos defende, contribuem para o bem dos seus. David nunca teria sido tão cheio de humildade se não tivesse pecado, nem Madalena tão amante do seu Salvador se Ele não lhe tivesse perdoado tantos pecados; e nunca lhos teria perdoado se ela não os tivesse cometido.

Vede, querida filha, esse grande autor de misericórdia: transforma as nossas misérias em graça e fabrica o remédio que cura a nossa alma a partir da vibora das nossas iniquidades. Dizei-me, peço-vos, que não fará Ele das

nossas penas, dos nossos trabalhos, das perseguições que sofremos? Se, pois, alguma vez vos atingir algum desgosto, seja ele de que espécie for, assegurai à vossa alma que, se ama a Deus, tudo se transformará em bem. E, ainda que não vejais os caminhos pelos quais esse bem vos há-de chegar, tende a completa certeza de que chegará. Se Deus vos lança aos olhos o barro da ignomínia, é para vos dar uma vista magnífica e oferecer-vos um espectáculo de honra. Se Deus vos faz cair, como lançou São Paulo por terra, é para vos elevar até à sua glória.

#### 5. DESEJAR SOMENTE A DEUS DE MODO PLENO, E O RESTO MODERADAMENTE

Somente a Deus se deve amar de um modo pleno, invariável e inviolável; mas os meios para O servir devem desejar-se serena e moderadamente, para que, se Ele nos impedir de os utilizar, não nos sintamos gravemente afectados.

#### 6. CONFIANÇA NA DIVINA PROVIDÊNCIA

A medida da Divina Providência em nós é a confiança que nela temos.

Não considerais os acidentes desta vida com temor, mas prevede-os no meio de uma profunda esperança, pois Deus, a quem pertenceis, vos livrará deles à medida que se apresentarem. Ele guardou-vos até agora; permaneci firmemente nas mãos da Divina Providência, e Ela vos assistirá em todas as ocasiões; e, quando não puderdes caminhar, Ele vos levará. Que haveis de temer, querida filha, sendo de Deus, que nos assegurou firmemente que tudo contribui para o bem daqueles que O amam? Não penseis no que acontecerá amanhã, pois o mesmo Pai Eterno que hoje cuida de vós cuidará amanhã e sempre; não vos dará mal algum e, se o fizer, dar-vos-á a coragem invencível para o suportar. Permaneci em paz, querida filha, arrancai da vossa imaginação tudo aquilo que possa angustiar-vos e dizei frequentemente a Nosso Senhor: *«Ó Deus! Vós sois o meu Deus e eu confiarei em Vós; ajudar-me-eis e sereis o meu refúgio, e nada temerei, pois não apenas estais comigo, mas estais em mim e eu em Vós.»* Que pode temer um filho nos braços de semelhante Pai? Sede, pois, uma criança, querida filha; e, como sabeis, as crianças não pensam tanto nos seus assuntos porque têm quem pense por elas, e são suficientemente fortes se permanecem com o seu pai. Fazei assim, querida filha, e estareis em paz.

## 7. EVITAR A PRECIPITAÇÃO

É preciso tratar dos assuntos cuidadosamente, mas sem pressa nem inquietação.

Não vos lanceis às tarefas precipitadamente, pois toda a espécie de precipitação obscurece a razão e o juízo, e impede-nos até de fazer bem aquilo que empreendemos...

Quando Nosso Senhor repreende Marta, diz-lhe: «*Marta, Marta, andas preocupada e inquieta com muitas coisas.*» Vede: se ela tivesse sido apenas cuidadosa, não se teria perturbado; mas, como estava preocupada e inquieta, apressava-se e angustiava-se, e por isso o Senhor a repreendeu...

Uma tarefa feita com ímpeto e precipitação nunca ficará bem feita... Recebei serenamente, pois, as ocupações que vos surgirem e procurai realizá-las por ordem, uma após outra...

## 8. PAZ DIANTE DOS NOSSOS DEFEITOS

É preciso detestar os nossos defeitos, mas com um desagrado tranquilo e pacífico, não com um ódio despeitado e inquieto; é preciso ter paciência ao descobri-los e tirar proveito de um santo desprezo de nós mesmos. Se assim não for, filha minha, as vossas imperfeições, que vedes subtilmente, inquietar-vos-ão ainda mais subtilmente; e é precisamente por causa disso que elas se mantêm, pois nada conserva mais os nossos defeitos do que a inquietação e a pressa em arrancá-los.

## 9. DOÇURA E PAZ NO ZELO PARA COM OS OUTROS

A uma mestra de noviças:

«Ó filha minha!, Deus concedeu-vos a grande misericórdia de ter chamado o vosso coração ao dom gratuito de ajudar o próximo e de ter derramado santamente o bálsamo da suavidade do vosso coração sobre outros no vinho do vosso zelo... Só vos faltava isso, querida filha; o vosso zelo era muito bom, mas tinha o defeito de ser um pouco amargo, um pouco insistente, um pouco inquieto, um pouco minucioso. Agora, porém, vede-o

purificado de tudo isso: doravante será doce, benigno, gratuito, pacífico e tolerante.»

**10. E POR FIM: ACEITAR SEM INQUIETAÇÃO O FACTO DE NEM SEMPRE  
CONSEGUIRMOS MANTER A PAZ!**

«Procurai, filha minha, manter em paz o vosso coração, pela igualdade de ânimo. Eu não digo: “Mantende-o em paz”, mas: “Procurai mantê-lo”. Que esta seja a vossa principal preocupação, e guardai-vos bem de vos angustiar quando não conseguirdes acalmar imediatamente a variedade do vosso ânimo»<sup>[3]</sup>.

**SANTA TERESA DE JESUS  
(1515-1582)**

**VERDADEIRA E FALSA HUMILDADE**

Guardai-vos também, filhas minhas, de certas humildades que o demónio introduz com grande inquietação acerca da gravidade dos nossos pecados; costuma apertar aqui de muitas maneiras, até afastar das comunhões e da oração particular (por não o merecerem, fá-lo o demónio); e, quando chegam ao Santíssimo Sacramento, o tempo que tinham para receber graças vai-se em pensar se se prepararam bem ou não. A coisa chega ao ponto de fazer parecer a uma alma que, por ser assim, Deus a tem tão abandonada que quase põe em dúvida a sua misericórdia. Tudo lhe parece perigo naquilo que faz e sem fruto aquilo em que serve, por bom que seja. Dá-lhe uma desconfiança tal que lhe caem os braços para fazer qualquer bem, porque lhe parece que aquilo que é bom nos outros, nela é mau.

A humildade não inquieta, nem desassossega, nem perturba a alma, por grande que seja; antes vem com paz, suavidade e sossego. Embora alguém, ao ver-se miserável, entenda claramente que merece estar no inferno e se aflija, e lhe pareça com justiça que todos o deveriam aborrecer, e quase não ouse pedir misericórdia, se é boa humildade, esta pena vem acompanhada de uma suavidade interior e de um contentamento tais que não quereríamos ver-nos sem ela. Não perturba nem oprime a alma; pelo contrário, dilata-a e torna-a apta para servir mais a Deus. Essa outra pena tudo perturba, tudo avorocha, revolve toda a alma, é muito penosa. Creio que o demónio

pretende fazer-nos pensar que temos humildade e, se pudesse, juntamente com isso, fazer-nos desconfiar de Deus (Caminho de perfeição, cap. 39)<sup>[4]</sup>.

**MARIA DA ENCARNAÇÃO**  
(1566-1618)

#### **ABANDONO NA VONTADE DE DEUS**

Se, lançando um olhar ao nosso interior, pudéssemos ver quanto existe de bondade e de misericórdia nos desígnios de Deus para cada um de nós, mesmo naquilo a que chamamos desgraças, desgostos ou penas, a nossa felicidade consistiria em lançarmo-nos nos braços da Vontade divina, com o abandono de uma criança que se atira para os braços da mãe. Agiríamos em todas as coisas com a intenção de agradar a Deus e depois permaneceríamos num santo repouso, convencidos de que Deus é o nosso Pai e de que deseja a nossa salvação mais do que nós próprios a desejamos.

**FRANCISCO-MARIA-JACOB LIBERMANN**  
(1802-1852)

Judeu convertido, fundador da Congregação do Espírito Santo. Passagens das suas cartas de direcção espiritual.

#### **1. A PAZ, REINO DE JESUS NA ALMA**

Os grandes meios para instaurar em nós o admirável reino de Jesus são concretamente o espírito de oração contínua e a paz da alma...

Lembra-vos sem cessar e fixai solidamente esta verdade na alma e no coração: o maior meio, e até o meio infalível para alcançar essa oração contínua, é manter a alma em paz diante de Nosso Senhor.

Fixai a vossa atenção nesta frase: manter a alma em paz; é um termo empregado pelo nosso divino Mestre. É preciso que tenhais a alma recolhida em si mesma, ou melhor, que Jesus habite nela; não aprisionada e como encerrada com ferrolhos de ferro, mas num doce repouso, entregue a Jesus que a sustém nos seus braços.

O esforço e a contenção encerram a alma, enquanto um doce descanso, uma maneira serena de agir e um comportamento interior repousado,

ponderado e tranquilo a dilatam.

## **2. A PAZ, CONDIÇÃO DA DOCILIDADE AO ESPÍRITO SANTO**

A nossa alma, sacudida e perturbada pelas suas próprias faculdades, girando continuamente para a direita e para a esquerda, não pode abandonar-se ao Espírito Santo... A alma encontrará a sua força, a sua riqueza e a sua plena perfeição no Espírito de Nosso Senhor, desde que deseje abandonar-se à sua direcção. Mas, desobedecendo-Lhe e querendo agir por si mesma e em si mesma, não encontra senão angústia, miséria e a mais profunda impotência... Devemos aspirar a essa paz e a essa moderação interior com o objectivo de não viver senão em Deus, mas sempre no meio da doçura e da submissão, procurando fazer uma contínua abstracção das nossas pessoas. Devemos esquecer-nos de nós mesmos para voltar incessantemente a alma para Deus e abandoná-la serena e tranquilamente n'Ele.

## **3. CONFIANÇA EM DEUS**

Gostaria de vos poder repreender por terdes tão pouca confiança em Nosso Senhor. Não há que temê-Lo; isso é uma grande ofensa, porque Ele é bom, doce, amável e cheio de ternura e de misericórdia para connosco. Diante d'Ele podeis aparecer cheio de confusão por causa da vossa pobreza e maldade, mas é preciso que esta confusão seja a do filho pródigo depois do seu regresso, confiante e cheio de ternura. É assim que vos deveis apresentar diante do nosso bom Pai e Senhor. Temeis sempre não O amar: querido, nesses momentos provavelmente amais-l'O mais do que nunca e Ele nunca estará mais perto de vós. Não meçais o vosso amor a Nosso Senhor pela sensibilidade: essa é uma medida muito pequena. Abandonai-vos confiadamente nas suas mãos: o vosso amor crescerá continuamente, mas não vos apercebereis disso; e isso não é de modo algum necessário...

## **4. NÃO DEIXEIS QUE AS VOSSAS MISÉRIAS VOS ESMAGUEM**

Não deixeis que as vossas misérias vos esmaguem; diante delas, permaneci humilhado perante Deus — caso isso vos seja concedido do alto — e conservai uma grande paz. Enfrentai as vossas misérias, sejam elas quais forem, com doçura, paz, suavidade e moderação interior diante de Deus, abandonando-vos simplesmente nos seus braços para que faça de vós

e em vós tudo o que Lhe parecer bom, desejando doce e serenamente não viver senão para Ele, com Ele e n'Ele.

#### **5. NÃO VOS PREOCUPEIS COM UMA APARENTE TIBIEZA**

Não vos deixeis abater nem desanimar se vos parece que nada fazeis, que sois cobarde e túbio. Se vedes que ainda estais sujeito a afectos naturais, a pensamentos de amor-próprio e a tristeza, procurai simplesmente esquecer todas essas coisas e dirigir a alma para Deus, apresentando-vos diante d'Ele com o desejo tranquilo e contínuo de que faça de vós e em vós aquilo que Lhe aprouver. Procurai apenas esquecer-vos de vós mesmo e caminhar diante d'Ele no meio da vossa pobreza, sem vos prestardes atenção... Enquanto vos inquietardes com esses movimentos da natureza, estareis ocupado convosco mesmo; e, enquanto estiverdes ocupado convosco mesmo, não percorrereis grande caminho na via da perfeição. Esses movimentos só cessarão quando os desprezardes e esquecerdes. Além disso, asseguro-vos que não têm importância nem consequências. Zombai deles e não vejais senão Deus, e isso por meio da pura e simples fé.

#### **6. NÃO VOS INQUIETEIS COM AS QUEDAS**

Esquecei sempre o passado e não vos preocupeis com as vossas quedas, por numerosas que sejam; desde que vos levanteis, nada acontecerá, enquanto muito aconteceria se vos entristecêsseis ou desanimásseis demasiado por causa delas. Fazei as coisas com toda a calma e tranquilidade possíveis e pelo grandíssimo, puríssimo e santíssimo amor de Jesus e de Maria.

#### **7. PACIÊNCIA**

Um dos maiores obstáculos que aparecem no caminho da perfeição é o desejo precipitado e inquieto de avançar e chegar a possuir as virtudes cuja falta reconhecemos em nós. Pelo contrário, o verdadeiro meio de avançar solidamente e a grandes passos consiste em ser paciente, ter calma e apaziguar essas inquietações... Não vos adianteis ao vosso guia, pois correis o risco de vos desviardes e sairdes do caminho que ele vos traça e, em vez de chegardes sã e salvo, cairdes no precipício. Esse guia é o Espírito Santo. Com o pretexto de avançar mais depressa, adiantais-vos a Ele com o vosso trabalho e as vossas inquietações, com a vossa angústia e

precipitação. E que sucede então? Correis ao lado do caminho, onde o terreno é mais duro e mais escarpado e, longe de avançardes, recuais ou, pelo menos, perdeis tempo.

#### **8. DEIXAR AGIR O ESPÍRITO DE DEUS**

Quando Deus Se dignou criar o universo, trabalhou a partir do nada, e vede as coisas maravilhosas que fez! Do mesmo modo, se quer trabalhar em nós para realizar coisas infinitamente superiores a todas as belezas saídas das suas mãos, não é necessário que nos ponhamos em movimento para O ajudar... deixemo-Lo agir; agrada-Lhe trabalhar a partir do nada. Mantenhamo-nos serenos e tranquilos na sua presença e sigamos simplesmente as indicações que Ele nos dá... Conservemos, pois, a nossa alma em paz e as nossas faculdades espirituais em repouso, esperando somente d'Ele a vida e o movimento. E procuremos não ter outro movimento, outra vontade ou outra vida que não seja em Deus e pelo Espírito de Deus... Esquecei-vos de vós mesmo para voltar continuamente a alma para Deus e deixá-la doce e serenamente na sua presença.

#### **9. MODERAR OS DESEJOS**

A maior ocupação da vossa alma deve ser moderar os seus impulsos e adquirir uma humilde submissão e abandono nas mãos de Deus. É-vos permitido, e além disso é bom, ter desejos de avançar espiritualmente, mas esses desejos devem ser tranquilos, humildes e submetidos à vontade de Deus. Um pobre que pede esmola impacientemente e com violência nada obtém. Se a pede com humildade, doçura e afecto, comove as pessoas a quem a pede. Os desejos demasiado intensos procedem da natureza; tudo o que procede da graça é doce, humilde, sereno, enche a alma e torna-a boa e obediente a Deus. O vosso principal empenho consistirá, pois, em moderar os movimentos da vossa alma e mantê-la tranquila diante de Deus, submissa e humilde na sua presença.

Desejais avançar no caminho da santidade. É Ele quem vos concede esse desejo e é também Ele quem deve realizá-lo. São Paulo diz que Deus nos concede o querer e o fazer. Na ordem da graça, nada podemos por nós mesmos: Deus dá-nos esse querer e, quando o temos, não podemos realizá-lo por nós mesmos: Deus concede-nos o fazer. A nós compete sermos fiéis

à vontade de Deus, deixando-O realizar em nós aquilo que considera bom. Agitarmo-nos, apressarmo-nos a executar os bons desejos que Ele nos inspira, é estragar a graça em nós, retroceder na nossa perfeição. Não procuremos ser perfeitos imediatamente; cumpramos aquilo que Ele nos pede com calma e com serena fidelidade. Se Lhe agrada conduzir a nossa barca mais lentamente do que desejamos, submetamo-nos aos seus desígnios divinos.

Quando continuarmos a ver em nós os mesmos defeitos, mantenhamo-nos na nossa pequenez diante d'Ele, abramos-Lhe a nossa alma para que veja as nossas feridas e cicatrizes e as cure quando e como Lhe aprouver; procuremos apenas não seguir o impulso desses defeitos e, para isso, empreguemos um único meio: mantermo-nos humildemente prostrados diante d'Ele e, à vista da nossa pobreza e miséria, suportar os assaltos desses defeitos com calma, com paciência, com serenidade, confiança e humildade diante de Deus, firmemente decididos a ser inteiramente seus no meio deles, a não lhes prestar atenção e a suportá-los até ao fim da vida, se essa for a sua vontade. compreendei bem: uma vez que a nossa alma não consente neles, ela já não é culpável, não ofende a Deus e, pelo contrário, tira daí grande proveito para o seu progresso.

#### 10. VIVER O MOMENTO PRESENTE

Sede dócil e flexível nas mãos de Deus. Já sabeis o que é necessário para isso: manter-se em paz e em completo sossego; nunca se inquietar nem se perturbar por coisa alguma; esquecer o passado; viver como se o futuro não existisse; viver para Jesus no momento presente, ou melhor, viver como se já não houvesse vida em vós, deixando Jesus viver à sua vontade; caminhai assim em qualquer circunstância e em qualquer ocasião, sem temor nem preocupação, como convém aos filhos de Jesus e de Maria; nunca penseis voluntariamente em vós mesmos; abandonai em Jesus o cuidado da vossa alma, etc. Ele arrebatou-nos a nossa alma, ela pertence-Lhe; Ele cuidará dela, porque é o seu Senhor. Não temais o juízo de tão doce Senhor. Afastai todo o temor e substituí esse sentimento pelo amor; agi em tudo serenamente, suavemente, ponderadamente, sem precipitação, sem arrebatamentos; conservai a calma quando for necessário, caminhando com completo sossego, abandono e plena confiança. O tempo deste exílio terminará, e Jesus será nosso e nós seremos seus. Então, cada uma das

nossas tribulações será uma coroa de glória que deporemos sobre a cabeça de Jesus, para quem é toda a glória.

#### **11. A NOSSA INCAPACIDADE NÃO DEVE SER MOTIVO DE TRISTEZA OU INQUIETAÇÃO, MAS DE PAZ E ALEGRIA**

A consciência da nossa incapacidade e da nossa nulidade deve ser para nós motivo de paz, convencidos de que é o próprio Deus quem quer pôr mãos à obra para realizar em nós e conosco todas as grandes coisas para as quais nos destinou. Ele conhece, melhor do que nós, a nossa pobreza e a nossa miséria. Então, porque nos escolheu, sabendo que nada podemos, senão para mostrar claramente que é Ele quem age e não nós?

No entanto, na minha opinião, há um motivo de alegria ainda maior: o facto de a nossa extrema miséria e maldade nos fazerem ver a necessidade absoluta de recorrer sempre a Deus e de nos mantermos bem unidos a Ele em todos os momentos e circunstâncias da nossa vida. Dependemos d'Ele mais do que o corpo depende da alma. Pois bem! Acaso incomoda o corpo essa contínua dependência da alma e o receber dela a vida e os movimentos? Pelo contrário, isso é-lhe glorioso e agradável, porque, graças a isso, participa de uma vida muito mais nobre e elevada do que aquela que teria por si mesmo. O mesmo sucede em relação à nossa dependência de Deus, mas de um modo muito superior; quanto mais dependemos d'Ele, maior grandeza, beleza e glória adquire a nossa alma, de tal modo que podemos gloriar-nos audazmente das nossas enfermidades; quanto maiores elas forem, maior deverá ser também a nossa alegria e felicidade, pois a nossa dependência de Deus torna-se então mais necessária. Assim pois, querido filho meu, não vos inquieteis se vos sentis fraco; pelo contrário, alegrai-vos porque Deus será a vossa força. Tende apenas o cuidado de manter sempre a alma voltada para Ele no meio da paz, do mais profundo abandono e da maior confusão e humilhação da vossa parte<sup>[5]</sup>.

**PADRE PIO**

Religioso capuchinho estigmatizado (1887-1968)

A paz é a simplicidade do espírito, a serenidade da consciência, a tranquilidade da alma e o laço do amor. A paz é a ordem, a harmonia em cada um de nós, uma alegria constante que nasce do testemunho de uma

boa consciência, a santa alegria de um coração no qual reina Deus. A paz é o caminho da perfeição, ou melhor, a perfeição encontra-se na paz. E o demónio, que sabe muito bem tudo isto, emprega todos os esforços para nos fazer perder a paz. A alma não deve entristecer-se senão por um motivo: a ofensa a Deus. Mas, mesmo neste ponto, devemos ser prudentes: devemos lamentar, sim, as nossas faltas, mas com uma dor paciente, confiando sempre na misericórdia divina. Ponhamo-nos de sobreaviso contra certas censuras e remorsos que provavelmente procedem do inimigo com o propósito de perturbar a nossa paz em Deus. Se tais censuras e remorsos nos humilham e nos tornam diligentes na prática do bem, sem nos retirar a confiança em Deus, tenhamos por certo que vêm de Deus; mas, se nos confundem e nos tornam temerosos, desconfiados, preguiçosos e lentos em fazer o bem, tenhamos por certo que vêm do demónio e afastemo-los, procurando o nosso refúgio na confiança em Deus<sup>[6]</sup>.

#### SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ

Sacerdote, Fundador do Opus Dei

Dos três livros de aforismos de São Josemaria (*Caminho, Sulco e Forja*), oferece-se uma selecção de alguns pontos que se referem à paz interior<sup>[7]</sup>.

#### CAMINHO

258 Rejeita esses escrúpulos que te roubam a paz. — Não é de Deus aquilo que rouba a paz da alma.

Quando Deus te visitar, sentirás a verdade daquelas saudações: «*Dou-vos a paz..., deixo-vos a paz..., a paz esteja convosco...*», e isto no meio da tribulação.

607 A humildade é outro bom caminho para chegar à paz interior. — «*Ele*» disse-o: «*Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração... e encontrareis paz para as vossas almas.*»

691 Estás a sofrer uma grande tribulação? — Tens contradições? Diz, muito devagar, como saboreando-a, esta oração forte e viril:

«Faça-se, cumpra-se, seja louvada e eternamente exaltada a justíssima e amabilíssima Vontade de Deus, acima de todas as coisas. — *Ámen.* — *Ámen.*»

Eu asseguro-te que alcançarás a paz.

758 A aceitação rendida da Vontade de Deus traz necessariamente a alegria e a paz: a felicidade na Cruz. — Então vê-se que o jugo de Cristo é suave e que o seu fardo não é pesado.

767 Esse abandono é precisamente a condição de que precisas para não perderes daqui em diante a tua paz.

768 O «*gaudium cum pace*» — a alegria e a paz — é fruto seguro e saboroso do abandono.

#### SULCO

850 Fomenta, na tua alma e no teu coração — na tua inteligência e na tua vontade — o espírito de confiança e de abandono na amorosa Vontade do Pai celeste... — Daí nasce a paz interior que anseias.

855 Ainda que tudo se afunde e acabe, ainda que os acontecimentos sucedam ao contrário do previsto, com tremenda adversidade, nada se ganha perturbando-se. Além disso, lembra-te da oração confiante do profeta: «*O Senhor é o nosso Juiz, o Senhor é o nosso Legislador, o Senhor é o nosso Rei; é Ele quem nos há-de salvar.*»

— Reza-a devotamente, todos os dias, para conformar a tua conduta com os desígnios da Providência, que nos governa para o nosso bem.

860 Quando te abandonares verdadeiramente no Senhor, aprenderás a contentar-te com aquilo que vier e a não perder a serenidade se as tarefas — apesar de teres posto nelas todo o teu empenho e os meios oportunos — não saírem ao teu gosto... Porque terão «*saído*» como convém a Deus que saiam.

873 Paradoxo: desde que me decidi a seguir o conselho do Salmo: «*lança sobre o Senhor as tuas preocupações, e Ele te sustentará*», tenho

cada dia menos preocupações na cabeça... E, ao mesmo tempo, com o trabalho oportuno, tudo se resolve com mais clareza!

### FORJA

54 Gozas de uma alegria interior e de uma paz que não trocas por nada. Deus está aqui: não há nada melhor do que contar-Lhe as penas, para que deixem de ser penas.

423 Tem segurança: o desejo — com obras! — de te conduzires como bom filho de Deus dá juventude, serenidade, alegria e paz permanentes.

429 A santidade alcança-se com o auxílio do Espírito Santo — que vem habitar nas nossas almas —, mediante a graça que nos é concedida nos sacramentos e com uma luta ascética constante.

Filho meu, não nos iludamos: tu e eu — não me cansarei de o repetir — teremos de combater sempre, sempre, até ao fim da nossa vida. Assim amaremos a paz, daremos a paz e receberemos o prémio eterno.

649 Característica evidente de um homem de Deus, de uma mulher de Deus, é a paz na sua alma: tem «a paz» e dá «a paz» às pessoas com quem convive.

102 A paz, que traz consigo a alegria, o mundo não a pode dar.

— Os homens estão sempre a fazer as pazes e estão sempre envolvidos em guerras, porque esqueceram o conselho de lutar por dentro, de recorrer ao auxílio de Deus, para que Ele vença, e assim alcançar a paz no próprio eu, no próprio lar, na sociedade e no mundo.

— Se nos conduzirmos deste modo, a alegria será tua e minha, porque é propriedade dos que vencem; e, com a graça de Deus — que não perde batalhas —, chamar-nos-emos vencedores, se formos humildes.

\*\*\*

Santa Maria — assim A invoca a Igreja — é a Rainha da Paz. Por isso, quando a tua alma, o ambiente familiar ou profissional, a convivência na

sociedade ou entre os povos se perturbam, não deixes de A aclamar com esse título: «*Regina pacis, ora pro nobis!*» — Rainha da paz, rogai por nós! Já experimentaste, ao menos quando perdes a tranquilidade?... — Surpreender-te-ás com a sua eficácia imediata (Sulco, 874).

## NOTAS

[1] *Col*, 3, 15

[2] Juan de Bonilla, Breve Tratado onde se declara quão necessária é a paz da alma (*Alcalá*, 1580).

[3] *Oeuvres complètes*, publicadas por a "Visitation d'Annecy"

[4] Santa Teresa de Jesus, op. cit., col. Neblí, Rialp.

[5] *Lettres du Vénérable Père Libermann*, L. Vogel, DDB, Paris 1964

[6] Extracto de uma carta traduzida pelo autor

[7] *Camino*, Rialp, Madrid, 76.<sup>a</sup> ed. 2002; *Surco*, Rialp, 21.<sup>a</sup> ed. 2002; *Forja*, Rialp, 13.<sup>a</sup> ed. 2003

# ÍNDICE

## APRESENTAÇÃO

### I. A PAZ INTERIOR, CAMINHO DE SANTIDADE

1. Sem Mim nada podeis fazer
2. Paz interior e fecundidade apostólica
3. Paz e combate espiritual
4. A paz costuma estar em jogo ao longo da luta
5. As razões pelas quais perdemos a paz são sempre más razões 13
6. A boa vontade, condição necessária para a paz
7. A boa vontade, condição suficiente para a paz

### II. COMO REAGIR DIANTE DAQUILO QUE NOS FAZ PERDER A PAZ

1. As preocupações da vida e o medo de falhar 20
2. A nossa dificuldade em acreditar na Providência
3. O medo do sofrimento
4. Para crescer na confiança, uma oração de filho
5. Ou nos abandonamos completamente ou não nos abandonamos de todo...
6. Deus pede tudo, mas não tira tudo obrigatoriamente
7. Que fazer quando não conseguimos abandonar-nos?
8. O Senhor é o meu pastor, nada me falta
9. Atitude que devemos adoptar perante o sofrimento dos que nos rodeiam
10. Jesus está em todo aquele que sofre 37
11. Os defeitos e as limitações dos outros 38
12. Paciência com o próximo
13. Paciência com as nossas próprias faltas e imperfeições
14. Deus pode tirar o bem até das nossas faltas
15. Que fazer quando pecámos?

16. A inquietação que nos invade quando temos de tomar decisões

17. O caminho real do amor

18. Alguns conselhos à maneira de conclusão

### **III. O QUE NOS DIZEM OS SANTOS 56**

Juan de Bonilla

São Francisco de Sales

Santa Teresa de Jesus

Maria da Encarnação

François-Marie-Jacob Libermann

Padre Pio

São Josemaria Escrivá